ALBERTO PIMENTEL

IDYLLIOS DOS REIS

COM UM PREFACIO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(VISCONDE DE CORRÊA BOTELHO)

EDIÇÃO ILLUSTRADA

ESCRIPTORIO

1.º, 36—Rua Nova do Almada—36, 1.º

LISBOA

CATALOGO DAS OBRAS EDITADAS

PELA

EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

ESCRIPTORIO

36, 1.º—Rua Nova do Almada—36, 1.º

Nova assignatura nas tres primeiras obras, recebendo todos os novos assignantes, como brinde, um livro, á escolha, das outras edições d'esta Empreza.

Historia de Portugal, por Antonio Ennes, Alberto Pimentel, Bernardino Pinheiro, Delfim d'Almeida, Eduardo Vidal, Gervasio Lobato, Luciano Cordeiro e Manuel Pinheiro Chagas. — Illustrada com quadros historicos por Manuel de Macedo.

Terminou a publicação d'esta obra, uma das melhores que tem sahido a lume no nosso paiz, e a primeira no seu genero, tanto na parte litteraria como na material. Contém seis grandes volumes, illustrados com primorosas gravuras, representando os quadros mais salientes da nossa historia patria. Preço avulso 12$000 réis, e por assignatura 9$200 réis.—1.º volume, 1$400 réis.—2.º, 1$600 réis.—3.º, 1$600 réis.—4.º, 1$500 réis.—5.º, 1$400 réis.—6.º, 1$700 réis.—Cada fasciculo contendo tres folhas de 8 paginas in-folio e uma excellente gravura impressa em papel velino, custa 100 réis; podendo os novos assignantes receberem a obra completa, a volumes, ou em fasciculos, conforme desejarem.

Historia Universal, illustrada, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida. — Edição de luxo e a mais economica que se tem publicado n'este genero.

Concluiu-se a publicação d'esta importante obra em seis volumes, 4.º grande, com seis estampas cada um, destinando-se o 1.º á historia antiga, comprehendendo a historia dos povos do Oriente, da Grecia e de Roma. O 2.º abrange toda a idade-média. O 3.º e o 4.º tratam da historia moderna até

1830. O 5.º e o 6.º occupam-se da historia contemporanea, desde 1830 a 1873, secção esta a que o auctor deu mais desenvolvimento, já por ser uma das épocas mais ferteis em acontecimentos, já por ser aquella que mais vivamente nos interessa. Preço avulso 8$000 réis, e por assignatura 5$300 réis. —1.º volume, 1$100 réis.—2.º, 800 réis.—3.º, 800 réis.—4.º, 740 réis.—5.º, 980 réis.—6.º, 880 réis. Estampas gratis.— Cada fasciculo contém 4 folhas de 8 paginas, em 4.º grande, e custa 100 réis.—Os novos assignantes podem receber a obra completa, a volumes ou em fasciculos.

Rattazzi e sua epoca, *historia contemporanea da Italia,* original da Princeza Rattazzi, e versão de Guiomar Torrezão.

Começou a distribuir-se por assignatura esta obra notavel, que esboça a traço largo e profudo a historia politica, religiosa, social e litteraria da Italia, até á revolução liberal que tornou a nação independente e una, e apresenta-nos os vultos gloriosos de **Rattazzi, Cavour e Garibaldi**, os homens que mais directamente influiram na historia moderna do seu paiz.

Contém 6 volumes illustrados com os retratos de **Victor Manuel, Carlos Alberto, Rattazzi, Cavour, Garibaldi, Napoleão** e outros.—A assignatura é feita por volumes e a fasciculos, distribuindo-se, quinzenalmente, um fasciculo contendo 64 paginas em 8.º, pelo preço de 100 réis. Illustrações gratis.

A obra completa não excederá por assignatura o preço de 3$000 réis. Depois vender-se-ha por 3$600 réis.

Todas as pessoas de Lisboa ou da provincia que obtiverem 10 assignaturas realisaveis e pelas quaes se responsabilisarem, receberão gratuitamente um exemplar.

A correspondencia deve ser remettida a J. A. de Mattos, proprietario da *Empreza Litteraria de Lisboa,* rua Nova do Almada, 36, 1.º

Em Lisboa assigna-se no escriptorio da Empreza e nas principaes livrarias. Nas provincias, ilhas, Africa e Brazil, nos estabelecimentos dos agentes d'esta casa editora, que deverão ter publico o cartaz indicador e prospectos.

A agonia de Luiz de Camões, *romance historico,* por A. Tissot, traduzido e annotado por Alberto Pimentel, illustração de M. Macedo. Um volume, 500 réis.

A comedia do amor, por Guiomar Torrezão. Um volume em 8.º, com mais de 300 paginas, contendo interessantes e primorosos contos originaes. Preço, 600 réis.

A jornada dos seculos, por Alberto Pimentel. Um volume de mais de 400 paginas em edição nitida. Preço, 700 réis.

Album de ensino universal, *livro de instrucção popular,* por Alberto Pimentel. Um grosso volume, 600 réis.

A união iberica, por Antonio Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro e M. Pinheiro Chagas. Um volume, contendo importantes documentos, 500 réis.

A varanda de Nathercia, original de Alberto Pimentel, illustração de Manuel de Macedo, 300 réis.

Chronica moderna, revista critica, illustrada. Um grosso volume em 4.º grande, de perto de 400 paginas, 1$200 réis.

Diccionario de Direito Commercial, compilado e annotado por Innocencio de Sousa Duarte. Um grande volume de mais de 500 paginas, 1$500 réis.

Hygiene e physiologia do casamento, *historia natural do homem e*

mulher casados, por A. Debay, versão de Sousa Viterbo. Um volume, 600 réis.

Lisboa de hontem, por Julio Cesar Machado. Um elegante volume de perto de 300 paginas, 500 réis.

Lisboa em camisa, por Gervasio Lobato. Um volume, 600 réis.

O crime de Mattos Lobo, por L. Bastos, um vol., ornado de estampas, 500 rs.

O inverso da historia contemporanea, por Honoré Balzac. Um grosso volume, 500 réis.

O que anda no ar, por Alberto Pimentel. Um volume de mais de 300 paginas, illustrado com o retrato do auctor, 500 réis.

Os Rougon-Macquart, *e a côrte de Napoleão III,* historia natural e social d'uma familia no tempo do segundo imperio, por Emilio Zolá, versão de F. M. Gomes de Sousa. Dois volumes, 800 réis.

O trevo de quatro folhas, romance de costumes orientaes, por Eduardo Laboulaye. Um volume, 400 réis.

O ultimo carrasco, *(Luiz Negro),* por Leite Bastos. Um volume com quatro gravuras, 500 réis.

O vinho, narrativa popular por Alberto Pimentel. Um volume, 200 réis.

Viagens á roda do Codigo Administrativo, por Alberto Pimentel. Um volume, 500 réis.

IDYLLIOS DOS REIS

ALBERTO PIMENTEL

IDYLLIOS DOS REIS

COM UM PREFACIO

DE

Camillo Castello Branco

(VISCONDE DE CORRÊA BOTELHO)

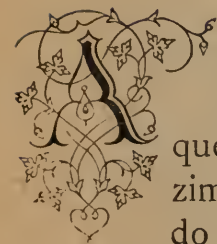
EDIÇÃO ILLUSTRADA

OFFICINA TYPOGRAPHICA

DA

Empreza Litteraria de Lisboa

1 a 5—Calçada de S. Francisco—1 a 5

Meu presado Alberto Pimentel

Ainda conservo muito vivo o sentimento dos harmoniosos poemêtos que V. me recitou na Povoa de Varzim em 1885. Acceitei então, vaidoso do seu convite, mas indiscretamente, o agradavel encargo de prefaciar os *Idyllios dos Reis,* por que, na hora em que m'os leu, desdobravam-se no meu espirito panoramas refloridos de mocidade, relances de vista historicos, paizagens aformosentadas por agrupamentos de idealisações amorosas, matizes, em fim, que parecia incrivel poderem bordar-se tão serodiamente na velha talagarça de uma imaginação apagada e descolorida. A boa poesia opéra estas ressureições; porém, os ressusci-

tados da minha especie, assim que a melodia se cala, recahem na sua atrophia como o cadaver galvanisado logo que lhe retiram a corrente electrica.

Depois d'esse dia, relativamente feliz, da Povoa, meu amigo, desencadearam-se contra mim adversidades que o grande bôjo divino da *Natureza das coisas* do desgraçado Lucrecio ainda me reservava para me convencer de que eu não tinha até áquelle dia rasão de queixa. E a reprehensão, acompanhada do castigo, foi-me salutar e proveitosa. Agora já me não lastimo. Estou a embeber-me dos oleos sanctos da paciencia, a converter o manancial dos prantos em bom suco pancreatico para a digestão; e,

alcatruzado sobre o pôço de Heraclito, mais hoje, mais ámanhan, espero guindar no balde á flôr da terra a Verdade. Depois, dir-lhe-ei definitivamente o que penso ácerca dos 4 novissimos do homem, a saber: Morte, Juiso, Inferno e Paraizo. Não sei se V. tem presentes os 4 referidos novissimos.

Do que eu nada lhe digo nem direi, meu caro Pimentel, é do quilate dos seus poemas. Não lhe submetto como desculpa a minha idade para intender d'amores de reis e rainhas. Dado ainda que eu tivesse vinte e cinco annos e vinte e cinco namoros doidos, sinistros e fataes como eram os do meu tempo, eu não entraria analyticamente na esthetica do seu livro para me não

dar ares pedantes de querer ensinar o leitor a perceber o merito da obra. Persuado-me que ninguem comprará os *Idyllios dos Reis* para lhes medir o valor pela bitola da minha prosa. Quem comprar os poemas de Alberto Pimentel não irá seduzido pelo engôdo do meu prefacio nem acceitaria como árbitro um homem dos meus annos. Se houvesse instancias juridicas para condemnar ou absolver poetas, eu deveria estar ha muito tempo no supremo tribunal de justiça a ruminar a epistola de Horacio aos Pisoens, e a lavrar com penna de ferro, embebida em acido prussico, sentenças de Penitenciaria vitalicia a todos os poetas que se preoccupassem como V. , de sentimentalidades sem fabula,

sem mytho, sem a intervenção das potencias celestes, com um ar atrevido de quem tudo fia das potencias terreaes.

Eu não conheço maior inconveniencia nem desplante mais jactancioso do que um prefacio a recommendar o livro de escriptor tão conhecido e estimado como deve ser o auctor da *Jornada dos seculos*. Escreveu V. esta obra primorosa que é uma das rarissimas preciosidades da moderna litteratura portugueza. E' pouco divulgada a obra? Não se sentiu no mercado o enthusiasmo que devia graduar a instrucção dos nossos contemporaneos? Isso prova a favor da distincção de V. entre os mais avançados e laboriosos da sua geração. Pois isto que lhe digo

aqui não ousaria dizel-o em prefacio da *Jornada dos seculos* por me persuadir que offendia o leitor inculcando-lhe a alta valia da obra.

O que eu posso, sem desvanecimento de oraculo, a respeito dos *Idyllios dos Reis*, é admirar que Alberto Pimentel exercite a um tempo, e sempre com rara selecção e infallivel sciencia da sua lingua, a historia, o romance, a philosophia e o poema. Se me succede alguma vez vêr o seu nome menoscabado com gracejos acicalados na incude da politica, deploro que V. não tenha podido amordaçar os seus adversarios, passando da cadeira de deputado para a banca de ministro, e dardejando, d'ahi, contra elles, não satyras, mas decretos, mettendo

uns nas alfandegas, outros nas secretarias, outros na diplomacia, e alguns em Rilhafolles, se isso coubesse na sua alçada civilisadora.

Finalmente, meu amigo, não peça a ninguem que lhe prefacie os seus *Idyllios dos Reis*. Tenha o legitimo e licito orgulho de se appresentar sósinho.

S. Miguel de Seide, 1 de novembro de 1886.

De V., etc.

Camillo Castello Branco.

AO LEITOR

Este livro não tem intuitos politicos. Foi planeado sob um ponto de vista exclusivamente litterario. O auctor procurou na biographia dos reis a nota romantica, e algumas vezes dramatica, dos seus amores que a historia celebra. Se algum sentimento menos artistico o houvesse inspirado, elle poderia facilmente encontrar, nos fastos da republica, semelhantes fragilidades amorosas que denunciassem a identidade do barro humano. Bastaria como exemplo repôr Cesar, *mœchum calvum,* ajoelhado aos pés de Cleopatra, na attitude apaixonada em que lhe devia succeder Antonio, esquecido da bella Lycoris.

Se ainda d'este livro se pretendesse tirar um falso argumento contra a corrupção dos costu-

mes sob o imperio dos reis, poderiam ser citados com vantagem os annaes da republica em que as virtudes romanas vão a pique na pessoa do proprio Catão censorino, que deixa nas mãos de Plutarcho todo o falso verniz da sua severidade fabulosamente endeusada.

Isto vem apenas como incidente, e não para irritar paixões. A verdade é que todos os regimens politicos reflectem mais ou menos as fragilidades dos homens que historicamente os personificam. Mas toda a fragilidade amorosa tem dois lados perceptiveis á apreciação litteraria: o putredineo, onde a materia corrupta fermenta acidulada de grosseiras sensualidades, e do qual é facil extrair o poema da carne; o subjectivo, que levanta a alma humana ao nivel da dramatisação do sentimento, e do qual é facil extrair o poema do amor.

Seria por igual inverosimil e incompleta a exploração exclusiva de qualquer das faces da medalha. O muladar tem a sua flora, como o céu tem as suas nuvens.

Cantar o amor é cantar a alma, abrir a concha humana e arrancar-lhe a perola. Mas fechar os olhos ás tendencias materialisadoras da carne, para só vêr o azul intangivel do céu, seria o mesmo que pretender ir buscar a perola sem descer atravez do abysmo sombrio do oceano.

Não nos entrincheiramos, portanto, em nenhum exclusivismo systematico. Fomos procurar a alma humana sob a purpura, como outros a teem ido procurar sob os andrajos. Não subimos os degráus do throno para genuflectir nem para motejar. Fica esse papel aos cortezãos e aos jograes. Fomos até onde a psychologia, auxiliada pela historia, nos podia guiar. Não quizemos ascender até ao lyrismo impeccavel nem profundar até á pornographia asquerosa.

Emquanto outros teem andado á procura do amor pelos antros infectos, onde elle se bestialisa pela miseria e pela depravação, nós fomos surprehendel-o nas culminações sociaes, onde, mais proximo do sól, nos apparece aureolado do prestigio da côrte. Os reis, como as montanhas, avultam no relevo da sua propria grandeza, mas as montanhas teem sempre que estudar por mais conhecidas que sejam. Ha convulsões interiores que agitam vulcanicamente o seio alpestre das serras: o naturalista observa-as, o poeta canta-às. Assim pelo que se refere á alma dos reis, na evolução fremente das paixões, o historiador segue-lhes a projecção luminosa ou sombria atravez dos factos, o poeta explora apenas o phenomeno psychologico na força explosiva do sentimento.

Mas a longa série dos reis, que deixaram na

sua passagem pelo throno um rastro aventuroso, fórma uma enorme cordilheira de seculos. Pretender circumscrever á estrophe toda a epopéa amorosa dos tempos na vasta historia dos reis, seria o mesmo que procurar accommodar o oceano gigantesco no berço estreito de um lago.

No amor, como na natureza, ha a paizagem. Ora a téla do paizagista não abrange toda a extensão do céu lucidamente diamantino nem da terra exuberantemente florida. O infinito não cabe no finito. O pintor procura pois a paizagem comportavel na téla, attraido pela impressão das côres e das linhas, como o poeta póde procurar na historia a paizagem do amor, fascinado pelo relevo litterario da época ou da personalidade. Nós, que só empregamos a palavra poeta á falta de outra que exprima cabalmente a sua graduação inferior, procuramos litterariamente a *côr* na copiosa palheta do amor realengo. Se encontravamos na chronica morta dos reis os tons ardentes que fazem palpitar ainda vivo o seu coração na eterna renascença da tradição historica, tomavamos das tintas que a lição do tempo nos offerecia aquellas que, quando não bastassem á coloração etherea do idyllio arcadico, não nos arrastassem o pincel para as betas gordurosas do realismo pornographico.

Algumas vezes, a nota romantica dos amores dos reis é dolorosa, chega mesmo a ser tragica. Não ha felicidade completa para ninguem, embora hoje uma propaganda acintosa pretenda fazer suppôr ao povo que, emquanto elle soffre, os reis gozam, n'uma inalteravel satisfação de todos os seus desejos e caprichos. Não é assim, nunca foi assim. Bastará recordar as palavras da moribunda Margarida de Escocia, casada com o delphim que depois se chamou Luiz XI: «*Fi de la vie! qu'on ne m'en parle plus.*» O amor dos reis umas vezes sacrificou-os a elles proprios, outras vezes sacrificou aquelles a quem elles amaram. Ignez de Castro cáe assassinada em Coimbra por ter amado um principe, como Monadeschi cáe trespassado de golpes em Fontainebleau por ordem de Christina da Suecia, que o amára.

Na historia de França as victimas do amor dos reis são frequentes: a La Vallière enclausura-se, Gabriella de Estrées morre envenenada, a Du Barry acaba pusillanimemente na guilhotina.

Nós, como o paizagista que surprehende as rendas do orvalho da manhã franjando as petalas das flôres, e as reproduz, não engeitamos as lagrimas que se baloiçaram nos olhos dos reis amantes ou das mulheres amadas por elles. A dôr tem o seu lado pittoresco, o seu idyllio.

E a poesia, como o sól, tem o condão de pôr um raio de luz em todas as lagrimas, chore-as o coração ou a pedra, sejam perolas ou stalactites.

Não inventámos lendas nem fizemos chronica. A poesia pediu á tradição o que ella lhe podia emprestar. Ás vezes aproveitámos um tenue fio historico para suspender sobre elle toda a concepção de um episodio amoroso. Mas o que não fizemos foi architectar affrontando a historia. Assim, por exemplo, abandonamos a lenda de ter Nero incendiado Roma para offerecer á sua amante o estranho espectaculo de uma cidade em chammas; e, rendendo homenagem aos *Annaes* de Tacito, vimos escapar-se-nos das mãos um assumpto que só poderia ter para nós o inconveniente de nos fazer sossobrar na execução descriptiva do quadro.

Os amores notaveis dos reis extrangeiros teem sido larga e modernamente aproveitados no romance e ainda no theatro. Dumas pae e Maquet, por exemplo, foram procurar á intriga amorosa da côrte franceza o assumpto de novellas a que o tempo não esfria o interesse. Victor Hugo cinzelou em mais de um drama, na grandeza esculptural dos seus alexandrinos, as garras e as azas que fazem do amor real meio Dragão e meio Romeu. Inclusivamente

um rei, Francisco I, deixou em cantares, que todos conhecem, a tradição trovadoresca das suas tendencias galantes.

Com referencia a reis portuguezes, a exploração litteraria tem ficado áquem da abundancia das fontes historicas. Alexandre Herculano encheu bem a sua bilha, mas poucos romancistas, em relação á fertilidade das nossas vocações litterarias, lhe seguiram o exemplo. Parece á primeira vista que a historia de Portugal só tem um manancial capaz de abastecer o mercado litterario do paiz, em prosa e verso. D. Ignez de Castro chega por si só para um diluvio, mas parece que os escriptores portuguezes, inundados pelos amores de Pedro I, deixaram afogar a chronica amorosa dos outros reis.

Nós excluimos da pequena galeria que colleccionámos todo o quadro onde a pallidez do amor não bastava para dar vida á téla. Refugamos por esta razão a physionomia amorosamente incolor de D. Duarte, o frio amante de D. Maria Manuel; de D. João II, pae do bastardo que nascera de D. Anna de Mendonça, certamente mais amado do que a mãe; e em D. João III vimos apenas a sua dramatica paixão pela viuva do pae, depois casada com Francisco I, deixando no escuro os seus vulgares amores com Isabel Moniz.

D. Sebastião passa fugitivamente pela historia de Portugal como uma sombra.

A sua lenda tem-se bipartido em correntes oppostas, porque uns o suppõem invulneravel ao amor e até á tentação carnal da mulher, *aborrendo le donne,* diz Cantu; outros não o consideram tão insensivel que tivesse deixado de casar com Margarida de Valois, se Filippe II não impedisse a principio esse casamento, que mais tarde queria patrocinar sem conseguir vencer talvez o resentimento reluctante do sobrinho.

Hoje todas as negociações d'esse mallogrado casamento são documentalmente conhecidas pela publicação de um livro do sr. conde de S. Mamede—*Don Sébastien et Philippe II, exposé des négociations entamées en vue du mariage du roi de Portugal avec Marguerite de Valois.* (Paris, 1884).

Todavia, d'esse importante repositorio de documentos historicos não resalta a suspeita de que uma pallida scentelha de amor aquecesse algum dia o coração do joven rei portuguez.

Na *Chronica* de fr. Bernardo da Cruz tambem não se encontra indicação que auctorise a conjectura do rei haver amado.

Mas no periodico *A Arte,* que se publicou em Lisboa, appareceu o traslado de uma chronica anonyma, e porventura inédita até então, em

que se referem os amores de D. Sebastião com D. Juliana de Lencastre, filha do duque de Aveiro, dando-lhes o auctor até um certo relevo poetico de idyllios intimos que se emboscavam, a pretexto de caçadas, pela serra de Cintra e, sob color de uma festa *costumée* da côrte, pelas sombras do arvoredo em Carnide.

Sem embargo d'esta supposta inclinação do rei pela filha do duque de Aveiro, o mesmo chronista anonymo conta que D. Sebastião, andando a montear em Africa fóra da praça de Tanger, vira uma gentil moira, ricamente composta, filha do xarife. Accrescenta que a princesa moira lhe offerecera a posse de grandes dominios se o rei a quizesse tomar por mulher, e que D. Sebastião, tendo encontrado alguma semelhança entre a filha do xarife e a filha do duque de Aveiro, as amára a ambas só porque se pareciam.

Como quer que fosse, esta lenda, de duvidoso fundamento historico, não imprime caracter amoroso a D. Sebastião. O que d'elle sobrevive é a tradição authenticada dos seus habitos rudemente fragoeiros, das suas correrias por mar e por terra, do seu genio volteiro e bellicoso.

Na vida de alguns principes portuguezes, legitimos uns, bastardos outros, o filão romantico é exabundante.

Citaremos o infante D. Luiz, filho de D. Manuel, que tão loucamente se apaixonou pela judia Violante Gomes, a mãe humilde do Prior do Crato, D. Antonio.

Finalmente, a historia romanesca dos amores inverniços do bastardo de D. João II, D. Jorge de Lencastre, que cêrca dos setenta annos se enamorou de D. Maria Manuel, donzellinha de dezeseis, não seria por certo menos lucrativamente exploravel que a das tardias florescencias de Isabel de Inglaterra, a *Virgem*, aos sessenta e dois annos, pelo conde de Essex, que tinha vinte e oito.

Mas o titulo obrigava-nos a abrir unicamente logar ás testas coroadas.

Este livro reune no mesmo plano a tradição galante dos reis extranhos e nossos. E dá ao amor a fórma litteraria que lhe é mais propria, —o verso. É um desenfado laborioso de uma vida laboriosamente travada. Para descansar trabalhando, comecei-o no descanso menos canceiroso de uma praia. E depois, quando o melhor tempo da vida já se vai sumindo nas brumas da saudade, sabe bem encontrar no caminho um raio de sól, ainda que esse raio de sól venha de aquecer o coração de outrem.

Lisboa, maio de 1886.

INTRODUCÇÃO

N'aquellas florestas virgens,
Profundas e colossaes,
Onde os troncos são disformes,
As cordilheiras enormes
E os rios vastos, caudaes,
Reina um só rei, o leão,
Na côrte dos animaes.
Tem por dominio,—o sertão.
Tem por palacio,—os juncaes.

Na garra o sceptro segura
Como um déspota temido.
Treme do bosque a espessura
Se ouve um decreto,—um bramido.
E quando a juba sacode,
Rugindo irado e feroz,
A côrte foge, se póde,
Trémula, ouvindo-lhe a voz...

E' que não ha quem resista
Do leão á furia, á sanha.
Faz horror a sua vista!
Medo a sua força estranha!
Tamanha é a sua bravura,
A sua garra tão dura,
Tamanha a furia, tamanha!

Se toda a esphera terrestre,
Desde o negro cerro alpestre
Ao florido val profundo,
Fosse floresta ou sertão,
Teria um só rei o mundo
E esse rei—era o leão.

Faria a paz e a guerra
Por si só, co'o seu valor.
A juba seria a púrpura
D'esse cruel dictador.

Mas Deus deixára na terra
Inda outro leão,—o amor.

Féra, em vez de rugir, chora.
A garra, tenra e macia.
O seu olhar, uma aurora.
O seu chôro, uma elegia.
Ri, e o seu riso é esperança.

Na sua cólera ha calma...
Ha quem diga que tem alma.
Terá,—como uma creança.
Mixto de pomba e condôr!

Ha só uma féra mansa,
Um leão meigo,—o amor.

Mas a sua garra suave
Faz brotar balsamo e lava
Nos peitos em que se crava.
Seja planta, homem ou ave,
Seja colosso ou insecto,
Em elle cravando a garra
De todos os nós da amarra
Nasce uma flôr, um affecto.

Dá leis o leão ás féras,
Aos homens o amor dá leis.
Mudam-se os tempos e as eras,
Renovam-se as primaveras,
Alternam-se as estações,
E o amor é rei entre os reis,
É leão entre os leões.

Brincando espedaça c'roas,
Brincando sceptros desfaz.
Mancha a púrpura dos mantos,
Faz a guerra e faz a paz.

Quantos reis altivos, quantos
Fére, enlouquece, derruba
Co'as settas do seu carcaz!
Leão, sem dentes nem juba!

Nas florestas do sertão
Pôz Deus um rei,—o leão.
Teem as féras um senhor.
Mas domou as proprias féras
Com outro leão,—o amor...

I

A SANDALIA DA RAINHA

Semelha o rio uma therma
A trasbordar de saphyras.
Pois na onda azul do rio
Vem a flôr das hetaíras
Banhar-se em manhãs d'estio.

Quando a formosa Rhodopis
N'aquellas doces manhãs
Vae a onda azul cortando,
Ella, a flor das cortezãs,
Parece um cysne boiando.

E' tão branca, é tão perfeita
Nas suas curvas de neve!
O seu corpo fluctuante
Faz lembrar a folha leve
Que vae navegando errante.

D'agua á flor, as verdes plantas
Lançam-lhe ternos olhares,
Querem prendel-a nos braços.
Dir-se-ia que os nenuphares
Teem olhos, e são devassos.

E' que n'essa Grecia antiga
Tudo o que existe e vegeta
Tem o culto da belleza:
Nasce esculptor e poeta
Para amar a natureza.

Por isso quando Rhodopis
Sobre a onda azul fluctua,
Cada nenuphar ardente
Adora essa mulher núa,
Vénus que vae na corrente.

Até uma aguia que passa
Cortando a amplidão dos ares,
Olhando acaso... sentiu
Ciume dos nenuphares,
Que lá de tão alto viu.

E foi descendo de manso
Até que por fim pairou
Sobre um bosque onde a hetaíra
Á beira d'agua deixou
As roupagens que despira.

Eram ali as sandalias
Tão pequeninas, que até
A aguia duvidas teve
De poder caber um pé
N'uma sandalia tão breve.

Esteve a aguia parada
Esse thesouro mirando
Tão bello, além de tão rico,
Até que fugiu levando
Uma sandalia no bico.

E lá foi deitando contas
Toda ufana co'a sandalia,
Sempre cautelosa e alta.
Atravessou para a Italia,
Parou na ilha de Malta.

Desconfiava das outras
Companheiras de rapina,
Que a não quizessem roubar.
Era uma aguia ladina,
Sabida em coisas do ar.

Por isso disse comsigo:
—«O Egypto está ali tão perto,
«Que me parece melhor
«Ir esconder no deserto
«Coisa de tanto valor.»

Partiu de Malta seguindo
A longa estrada do azul,
E sobre o mar viajava
Sempre a voar para o sul
Co'a sandalia que levava.

Aproximava-se o Egypto.
Cansada a aguia, podia
No Egypto um pouso encontrar.
Depois, no deserto iria
O seu thesouro guardar.

Vae sobre Memphis voando
Mas, ao passar diligente
Sobre o palacio real,
Sentiu cair de repente
A sandalia, por seu mal.

Estava o rei no terraço
Quando, caindo do céu,
A sandalia delicada
Sobre o terraço desceu,
Ficando a côrte assombrada.

Aquelle estranho presente
Toda a cidade alvoroça.
Jura o rei por sua fé
Não descançar sem que possa
Achar a dona... do pé.

Quem será?! Ninguem o sabe.
Cada cabeça uma ideia...
Pharaó os magos junta,
Preside elle á assemblea,
Inquire, indaga, pergunta...

Concordam todos n'um ponto:
Que a sandalia é de mulher
E, que a julgar pelo pé,
Bella e gentil deve ser...
Mas saber d'onde ella é!...

Da sandalia a dona ignota
Será acaso da Judéa?
Não ha mulheres como ellas!
Mas se não fôr uma hebréa
Será moira, e das mais bellas.

Será talvez uma grega?
Sim... será... Talvez nascida
Em Corintho ou na Thessalia.
Tanta pergunta perdida
Por causa d'uma sandalia!

Manda emissarios o rei,
Por todo o mundo os reparte
E promette rios de ouro
Ao que achar em qualquer parte
A dona d'esse thesouro.

Não tem descanço um momento
O rei, outr'ora feliz!
Peza-lhe a corôa e o manto!
Não ha em todo o paiz
Quem como o rei soffra tanto!

Vão-se em tristezas os dias,
Que já tivera risonhos.
Conta as horas uma a uma...
Vão-se-lhe as noites em sonhos,
Sem repousar em nenhuma!

Após febris, curtos somnos,
O rei desperta agitado
D'espinhos n'um aureo leito,
Sempre á sandalia abraçado,
Posta entre as mãos e entre o peito.

Pobre rei! ama, idolátra
E n'essa paixão que tem,
N'esse amor que o peito inflamma,
Soffre e não sabe por quem!
Ama e não sabe a quem ama!

Começa a côrte a sorrir-se
Crendo que o rei está louco,
Que o rei desde aquelle dia
Nada lhe importa tão pouco
Como a côrte e a monarchia!...

Vem chegando os emissarios
Tristes co'a sua má sorte.
Ouve-os o rei offegando...
E vae condemnando á morte
Cada um que vem chegando.

N'um accesso de loucura
Quer partir o sceptro e a c'rôa,
Quer abdicar e fugir.

. . . .

Eis que uma noticia boa
Poude emfim o rei ouvir.

Recemchegado da Grecia,
Conta um postilhão feliz
De quem a sandalia é
E o que na Grecia se diz
Da pequeneza do pé...

O rei nomeia ministro
Esse feliz postilhão,
A quem ancioso encarrega
De offerecer a sua mão
A' bella hetaíra grega.

Anda na lenda este caso
Que Strabão deixou escripto.
Foi assim que uma hetaíra
Ao throno do rei do Egypto
Por seu proprio pé subira.

II

OS AMORES DE DAVID

Horas de sésta, uma tarde,
O rei David passeava
No terraço que encimava
O seu palacio real.
E vira banhar-se incauta
Na onda lucida e fria
Uma formosa judia,
Cysne em lago de crystal.

A hora... a calma... a belleza
D'essa nudez tentadora
Perderiam quem não fôra
Um tão poderoso rei.
Mandou David que trouxessem
A hebrea á sua presença
E do amor na chamma intensa
O seu desejo foi lei.

Na alcôva real dormira
Aquella noite a judia.
E, quando nascêra o dia,
O sól de Jerusalem
Co'a sua luz penetrára
De mais um crime o mysterio.
Fôra de amor e adulterio
Aquella noite do harem.

Languida a bella acordára
Como flor que o vento açoite.
Palmeira gentil, dobrára
Ao gozo d'aquella noite.
Que doce preguiça aquella!
Que longos bocejos suaves!
Cantavam ao longe as aves...
Sorria a judia bella.

De repente um raio trémulo
Do brando sól matinal
Desceu como setta lucida
Vibrada á alcôva real.

A mão de Deus despedira-a
Na sua cólera sublime.
O remorso é a flecha intima
Que procura o alvo—o crime.

A manhã, outr'ora suave
Do rei nos placidos dias,

Par'cia um gladio de luz
Que nos bellos hombros nús
Da bella judia exangue
Gravára em letras de sangue
Um nome horrivel:—*Urias.*

Era preciso apagar
D'aquella noite perdida
Esse remorso fatal,
E com o nome uma vida.
Só bastava ao rei fallar...
Seria a ordem cumprida,
Cumprido o decreto real.

O rei mandou que pozessem
Das suas hostes guerreiras
Na vanguarda das fileiras
O marido atraiçoado.
Sobre Rabbath todo o exercito
Avançou contra o inimigo.
Assim exposto ao perigo,
Urias cahiu varado.

Então os dois eram livres.
E reverdecera o amor
Como reverdece a flor,
Se o orvalho a vem rociar.

Era de sangue esse orvalho,
Mas do crime a flor vermelha
Fartava a amorosa abelha,
Uma a florir, outra a amar.

A bella judia é mãe.
Fôra de gozo o seu lucto...
Tambem de arvore maldita
Desponta ás vezes um fructo,
Tambem desponta, tambem.

Oh! que ventura inaudita
Não vai no paço real!
Prepara-se um berço de ouro,
Abre o rei o seu thesouro,
Faz-se um soberbo enxoval.

Bethsabé anciada, pállida,
Tem por desejo amoroso
Subir, amparada ao esposo,
Até vencer o terraço.
D'ahi, n'um languido enleio,
Contempla o lago dormente,
Emquanto o sól no occidente
Verte sangue e luz no espaço.

Sorri no berço a creança
Entre pannos de ouro fino.

Tantas escravas vigiam
Pelo somno do menino,
Quantos olhos se extasiam
No seu rosto peregrino.

E de essencias odoriferas
Entre aromaticas brumas
Ungem-lhe o corpo mimoso.
Refrescam-lhe o somno plácido
Os leques de longas plumas
N'um meneiar vagaroso.

O rei delira de jubilo
Crendo impossivel haver
Quem no mundo possa ter
Mais ventura e mais amor.
E vão-se-lhe os olhos presos,
Dos olhos vai-se-lhe o brilho
Volvendo-os á mãe e ao filho,
Volvendo-os ao fructo e á flor.

Mas o propheta Natan,
De Deus invocando a lei,
Fulmina a alegria van
Que enche o coração do rei.

E ao longo do real paço
Troveja uma prophecia:
«O teu filho morrerá.

«E' Deus, ó rei, que me envia,
«E' Deus que te punirá.»

E o propheta repetia:
«O teu filho morrerá.»

Triste Bethsabé chorava
As culpas do seu amor.
E o rei de joelhos orava
Clamando: «Senhor! Senhor!»

Fallava-lhe a côrte em guerra,
Por estimular-lhe o ardor.
E o rei prostrado por terra
Clamava: «Senhor! Senhor!»

E o seu filhinho morria
Como se desfolha uma flor.
Cumprira-se a prophecia,
E o rei louvava o Senhor.

E só depois de remido
Do seu amor o delicto,
Deus permittiu que da arvore
Brotasse um fructo bemdito,
Que uma segunda vergontea
Viesse purificar
Os erros do coração.

Filho do amor, para amar,
Nascera, emfim, Salomão.

III

AS BODAS DE SALOMÃO

Por mais que digam sabios da Escriptura
Que tudo quanto Salomão cantou
Deve ser tido á conta de figura...
P'ra ahi é que eu não vou.

Querem que seja espiritual, pois seja,
O sentido e o thema;
Que foi o Verbo que casou co'a Egreja;
Que é mystico o poema;
Que nem sombra de carne mundanisa
Esse idyllio d'amor tão vivo e quente...

Eu bem sei que a Egreja stygmatisa
Quem lhe não fôr em tudo obediente.
Mas fulmine-me embora algum concilio,
Que eu, grande peccador,

Não posso vêr n'esse sagrado idyllio
Senão... carne e amor.

. . . .

Eu sinto n'esse epithalamio ardente
Beijos que fremem de uma alcôva ao fundo,
Perfumes que esvoaçam pelo ambiente,
Desmaios ternos de um languor profundo...
Eu sinto n'esse epithalamio um mundo...
O ardor de um arabe e o ardor do Oriente.

. . . .

Como gentil açucena
Que despontou entre abrolhos,
Era tão bella a morena!

Não teem as pombas uns olhos,
Com serem tão meigas aves,
Mais ternos nem mais suaves.

Os seus labios pareciam
Na côr duas fitas vermelhas
Feitas de finos coraes;
E os dentes ser as ovelhas
D'um rebanho, alvas e iguaes.
Eram brancos como a lã
Os dentes da Sulamite.
E a face! só ha que a imite
Metade de uma romã.

Dois cabritinhos montezes,
Gémeos e postos a par,

Davam ideia dos seus peitos
Tão redondos e perfeitos
Quanto era dado enxergar.

O seu pescoço era como
Uma torre erguida ao ar.
E o mais!... o vedado pomo
Que o pudor manda calar!...

Era trigueira e formosa,
Mas ser trigueira o que tinha?
Pois se ella era tão airosa
Que a gente, vendo-a passar
Co'o seu porte de rainha,
Punha logo o pensamento
Quer nas tendas de Cedar
Repletas de vasos de ouro,
Quer no opulento thesouro
Das tendas de Salomão,
Só para os ter e lh'os dar
A troco da sua mão!

Qualquer pastor dos mais ricos,
Por que lhe quizesse bem
A Sulamite, daria
O seu rebanho mais lindo
Que, ao fim do pasto e do dia,
Do monte de Galaad ia
Subindo a Jerusalem.

Qualquer mercador errante
De polvilhos e de aromas
Todos os entornaria
No sulco que dividia
Os cachos das suas pomas.
Só por lhe poisar a mão
De cada peito no gomo,
Nuvens no ar soltaria
De incenso e de cinnamomo,
De nardo, myrrha e açafrão.

De mais a mais a morena,
Quando do rei Salomão
Fôra no leito dormir,
Era inda um jardim fechado,
Uma concha por abrir,
Um pomo mal sazonado,
Era uma flor em botão
No leito do bem-amado.

Do melhor cedro do Libano
Fôra o seu leito talhado.
E mandára Salomão
Pôr-lhe tauxias lavradas,
Folhas de rosa imitadas
Pelo grande artista Hirão.

Do Oriente as noites cálidas
Faziam n'aquelle leito

Arfar da morena o peito,
Murchas as faces e pallidas.

E como o lyrio dos valles
Vai abrindo lentamente
A concha eburnea do calis
Aos beijos do sól ardente,
N'aquelle jardim fechado
Aquella rosa em botão
Abre o calis nacarado
Aos beijos de Salomão.

....

Os dois cabritinhos gémeos,
Já cansados de pascer,
Vergavam n'um somno plácido
A descair, a pender...

....

O' Santa Madre Egreja, ó Mãe Catholica,
Infallivel, Romana e Apostolica,
Tu não lês Salomão
Ou queres collocar — dilemma acerbo! —
O teu Divino Verbo
N'um thálamo oriental, triste irrisão!

IV

BERENICE

Jerusalem cahira, emfim, vencida.
A dura prophecia foi cumprida.

Como despojo opímo da victoria
Restava a Tito uma mulher, e a gloria.

Uma nobre captiva, flôr cortada
Nos rozaes da Judéa, amante e amada,

Era de Tito o enlevo, o orgulho, a prêsa,
Escrava em Roma, entre os hebreus princeza.

Do imperio o throno e o sceptro aureo do mundo,
D'esse tão louco amor, cego e profundo,

Seria um dia o premio desejado,
Do senhor á captiva reservado,

Porque no mesmo laço subjugava
A mão do amor, o vencedor e a escrava.

Eram tudo sorrisos, alegrias,
Sonhos, visões, projectos, phantasias...

E se uma vez por outra a bella hebrea
Chorava com saudades da Judéa,

Lastimando do povo israelita
A eterna dispersão, por Deus escripta,

O meigo Tito, carinhoso amante,
Cingindo ao peito a hebrea soluçante,

Afagando-lhe as tranças, promettia
Sental-a junto a si no throno um dia.

Um tão ardente amor recompensava
A patria, que perdera e que chorava,

Essa mimosa flor, de fino aroma,
Mais escrava de Tito que de Roma.

Mas o povo romano affeito á dura
Altivez nacional, Tito censura,

Por vêr que uma captiva, uma extrangeira,
Será entre as patricias a primeira.

Da plebe a multidão, brava e revôlta,
Cresce espumosa, e vis sarcasmos sôlta.

Então, emquanto Tito a plebe escuta,
Do amor e do dever trava-se a lucta.

Qualquer dos dois athletas—um gigante!
Aos pés do cézar cai vencido o amante...

Como se o coração, frio e desfeito,
Co'as proprias mãos fôra arrancar ao peito,

Tito, cingindo a escrava Berenice,
Longo tempo chorou...
—E's livre...—disse.

E quando a patria, emfim, reconquistava,
E era livre a captiva, ella chorava...

Lyrio que pende, se perdeu o aroma!

Jerusalém vencida aos pés de Roma!

V

A TAÇA DO REI DE THULE

Era em Thule, essa ilha lendaria
Que brotava das aguas á flor,
Onde a côrte do rei, solitaria,
Via triste o seu nobre senhor
E teimosa a fortuna contraria,
Porque o rei só chorava de amor.

No mirante do altivo castello,
Onde as ondas se vinham quebrar,
Triste o rei, punha os olhos no bello
Horisonte do céu e do mar.
E por mais que quizesse escondel-o,
Não podia o seu pranto occultar.

Muitas vezes o rei, noite e dia,
Uma taça de fino labor
Contra o peito offegante cingia,

E não era illusão o suppôr
Que o seu pranto saudoso cahia
N'essa taça, — um legado de amor.

Foi-se a vida cruel apagando
Do bom rei no tão longo penar.
E soluça os seus olhos cerrando
Por não vêr nem o céu nem o mar.
Parecia morrer delirando
Sem a taça um momento largar.

De repente desperta vibrante
N'um anceio de extranho estertor.
E servir um festim deslumbrante
Manda o rei, com a côrte ao redor.
Já sem forças, febril, vacillante,
Ergue a taça, brindando de amor.

Mas a morte desnerva-lhe o braço...
Treme o rei, vai cahir, expirar.
E, medindo co'os olhos o espaço,
Poude a taça nas ondas lançar.
Morre emfim, n'um profundo cansaço...
Foi-lhe a vida na taça a boiar...

VI

NO CASTELLO DE GUIMARÃES

Na escuridão da noite, avulta bello,
Pintalgado de luz todo o castello.

Da soberba e macissa frontaria
Jorra clarões cada janella esguia.

Nas duas torres ladeando a entrada,
Listram-se os muros de uma luz velada.

Vai alegre o sarau. Alegres vozes
Passam no ar festivas e velozes.

Sôam harpas e cítulas vibrando
Danças febris, até que vão cansando...

Na vasta sala onde o sarau remoínha,
Senta-se, ao fundo, a bella infanta rainha.

D. THEREZA DE LEÃO

Ergue-se em pompas magestoso o estrado,
De uma alfombra moirisca atapetado.

Rico panno tiraz cobre a cadeira,
Que domina e avassalla a sala inteira.

Sobre almadraques de custosas télas
Sentam-se, em grupo, donas e donzellas.

Infanções e donzeis, de forte aspeito,
Sonham na Palestina um alto feito

Por vencer, batalhando, alguma dama
D'aquellas, a quem tente gloria e fama.

Bibas, o bobo, pela sala rola
Como um novêllo, em doida cabriola.

Junto ao sólio, Fernam, conde de Trava,
Ora na bella rainha os olhos crava,

Como um leão que espreita a sua prêsa;
Ora segreda com gentil vivesa

Fallas tão doces como um doce harpejo,
Que se diria ás vezes ser um beijo.

Sonha d'amor aquella côrte amante,
Emquanto o moço Affonso ergue o montante,

E põe no céu os olhos com que pede
A vingança que o espera em S. Mamede.

. . . .

Perto, de Dona Muma no mosteiro
Já tangia a matinas o sineiro.

O burgo despertava. A luz da aurora
Vinha arraiando pelos campos fóra.

No sarau do castello as damas bellas
Brilhavam mais na ausencia das estrellas...

Sorria a infanta ao conde que sorria...

Era o berço d'amor da monarchia.

VII

OS DOIS SANCHOS

I

Houve outr'ora uma dama feiticeira
Em feitiços de amor.
Chamava-se Maria Paes Ribeira.
Uma estrella, uma flor...

Seus olhos tinham philtros magneticos,
Amavíos fataes.
Se o amor os aquecia, eram electricos,
Vibrantes, sensuaes.

Jámais um alchimista em éras mortas
Soubera fabricar
Co'o auxilio do fogo e das retortas
O elixir d'esse olhar...

D. MARIA PAES RIBEIRA

Viu-a o rei, e tremeu como de medo...
Mas um olhar bastou
Para que o rei cahisse no bruxedo
Com que ella o enfeitiçou.

Taes feitiços a bruxa preparava
Co'a vara de condão,
Que em os fazendo, logo o rei chegava
Por extranha attracção.

Doce fogo queimava o regio peito,
Roubando ao rei a paz.
Era accusado Sancho de ter feito
Pacto com Satanaz.

Soube-se em Roma, e produziu espanto.
Tremeu a Santa Sé,
Córou de indignação o Padre Santo,
Julgou perdida a fé!

E co'a sagrada tinta com que lavra
Bullas d'excommunhão,
Escreveu em latim muita palavra,
Trémula a tiara e a mão.

Accusava o rei fraco, que cedera
A tramas infernaes.
E emquanto o Padre Santo isso escrevera,
Riam-se os cardeaes.

Diziam entre si, rindo á socapa:
«E' boa, sim senhor!
«Pensa que são feitiços, ora o Papa!
«Bom feitiço é o amor!»

II

Annos depois
Que fôra isso,
Soube Roma outro caso de feitiço.
Eram dois casos com dois Sanchos, dois!

Sancho segundo
Tambem cedera
A's malas-artes do succúbo immundo,
Aos philtros amorosos que bebera.

A feiticeira,
— Dizia o povo —
De Belzebuth na côrte era a primeira...
E enfeitiçára o rei, ardente e novo.

Roma mudára
O bico ao prégo...
E d'esta vez o Papa censurára
Que um fragil rei d'amor andasse cégo.

D. MÉCIA LOPES DE HARO

O Padre Santo
Queria agora
Tirar ao rei o sceptro, a c'roa, o manto,
Despir-lhe a púrpura e mandal-o embora...

Por muitas vezes
Sancho abatera
O orgulho dos prelados portuguezes...
Vergára a Santa Sé, o rei vencera.

Por isso agora
Conspira o Papa,
E emquanto Sancho Dona Mécia adora,
Machína a Santa Sé muito á socapa.

Lamenta a Curia,
Com falsa dôr,
Que o rei dormite em voluptuosa incuria
Preso nos laços de um tão louco amor.

D'esta disputa
Renhida, ao cabo,
O povo, incauto e bom, extranho á lucta,
Vê em Mécia um agente do diabo...

O Papa, em férias
Co'os cardeaes,
Ri-se do povo que acredita em lérias
De bruxas, philtros, e outras cousas mais...

VIII

D. DINIZ

El-rei Diniz
Fez quanto quiz...
Até no amor.
Graças ao sceptro,
Graças ao plectro,
Rei trovador.

Do seu thesouro,
Da corôa de ouro,
Tirava dons.
Da sua lyra,
Que o amor ferira,
Tirava sons.

Se um bago de ouro
Do seu thesouro,
O rei perdia,

Vinha uma trova
Ardente e nova...
Troya cahia...

Meios diversos,
Joias e versos...
O mesmo fim...
Ellas, coitadas!
Sempre tentadas...
A mim! a mim!...

Toda Leiria,
Cahiu, cahia.
Sendo mulher...
Qualquer senhora
Ou lavradora...
Qualquer, qualquer.

Com tal belleza
Tal camponeza,
Dos campos flôr,
Soprou a chamma...
Que inda se chama
A aldeia—*Amor*—.

El-rei Diniz
Fez quanto quiz.
Nem isso espanta.

Além de ousado,
Era casado
Com uma... santa.

Bello pinhal,
Obra real,
Diniz deixou.
Mas sabe a gente
Que o rei ardente
Mais semeou...

D. IGNEZ DE CASTRO

IX

IGNEZ DE CASTRO

I

Era gentil e loira e branca e bella,
　　Uma flor de Castella
Que no céu portuguez se volveu astro...
De Affonso a côrte — rememora a fama —
Nunca podéra vêr em outra dama
Collo de garça como tinha a Castro.

No coração do principe nascera
A flor azul dos ideiaes divinos,
O myosote fino, a fina flor
Que nasce de uma lagrima de amor
Baloiçada n'uns olhos peregrinos.

Porque chorára a bella castelhana
Uma furtiva lagrima formosa

Que foi cahir no coração do principe,
Tal como vai uma celeste pérola
Cahir, chorando, ao calis de uma rosa?

Porque o seu triste amor não tem esp'rança,
Porque o seu coração não tem socego.
Caminha como um cego
Pela mão de uma creança...

II

Na capella real jaz a princesa.
Entre cirios negreja o ataúde.
A côrte, posta em giolhos, chora e resa,
Cuidando que o seu pranto alguem illude!
A pobre côrte, por dever de officio,
Chora e sorri co'o mesmo sacrificio.

Junto ao féretro o principe ajoelhado
Ora descansa os olhos no ataúde
Prestando culto á esposa e á virtude
De um nobre coração immaculado,
Ora escuta uma voz, intimo cantico,
Que do templo no fúnebre esplendor
Vai fugindo e dizendo em notas tímidas:
«Principe, és livre. E' livre o teu amor.»

E a loira Ignez curvada sobre o livro,
Como um lyrio que pende para o chão,
Tenta em vão lêr sem que os seus olhos leiam...
Quer resar, sem poder, uma oração...

....

Entretanto os diáconos psalmeiam
O triste cantochão.

III

No tear chamado côrte
Tece a intriga a sua trama,
Urde a inveja a sua teia.
Tanto tece o gentil-homem,
Como tece a gentil dama
A rêde que a côrte enleia.

E' aquelle um doirado cárcere
Cheio de ricas alfaias,
Uma formosa prisão.
Que da côrte á superficie
São tudo preitos, zumbaias,
No fundo tudo é traição.

A teia teceu-a a inveja
Em torno da loira Castro,
Que de amar e ser amada

Tem sómente a culpa enorme...
O reptil anda de rastro
Para morder de emboscada.

Aquella mulher formosa
Seria ámanhã rainha,
Senhora do seu senhor.
E a côrte sentia inveja
Do poder que ella já tinha,
Sentia inveja e... temor.

Um seu olhar bastaria
Para no leito e no sólio
Fazer d'ella uma sereia.
Um só olhar levaria
Cortezãos ao Capitolio,
Villões á Rocha Tarpeia.

E a villanagem, a víbora
Foi, rojando-se de esconso,
Junto ao velho rei silvar
Suspeitas, receios, dúvidas...
Ouviu-a o crédulo Affonso,
Deixou-se imbuir, enleiar.

Nos sinistros conciliábulos
Da intriga palaciana
A côrte o plano traçou.

E do principe na ausencia
A formosa castelhana,
Victima incauta, expirou.

IV

Assim como o tufão irrompe, — aerea vaga
Que os montes esboroa e as arvores esmaga
Deixando após de si o cahos, o lucto, a ruina,
Assim fôra do infante a cólera leonina.

Presto as armas vestiu, presto ao corcel se lança,
Desfraldando um pendão negro como a vingança.
Presto o pregão soou, presto os seus escudeiros
Acodem de roldão, submissos e guerreiros.
E essa terrivel hoste, essa phalange brava
Irrompe, como do Ethna uma explosão de lava.
Aqui devasta, ali fere, além assassina...

Assim fôra do infante a cólera leonina.

Vingança era o pregão, a divisa *Vingança*.
Rolam no torvelinho o ancião e a creança,
A fraqueza senil e a ingénua timidez,
Que timida e sem culpa era tambem Ignez.
....

Os seus olhos sem luz—dois astros apagados,—
Da sua face mésta os lyrios desbotados,
Do seu cóllo de garça — uma esculptura rara —
O sulco fundo e negro onde o punhal entrára;
Dos seus cabellos d'ouro—um polvilho d'estrellas —
Os destroços gentis, restos das tranças bellas,
Clamavam na mudez das coisas silenciosas:
«Vingança!»
E, por vingar a irmã, as brancas rosas
Olhavam para o céu n'uma tristeza exangue
Esp'rando que descesse um orvalho de sangue.

V

Emfim D. Pedro é rei.
Sôa a tremenda hora.
Rubra illumina o céu uma sinistra aurora.
A vingança e o amor preparam, de mãos dadas,
Scenas que ninguem viu nas epochas passadas,
—Tragedia singular, cujo echo ainda hoje estruge,
Drama em que chora o amor e em que a vingança ruge.

Fôra arrancado á paz do seu ultimo somno
O cadaver d'Ignez, e posto sobre o throno
No fúnebre esplendor de um sólio e de uma eça...
Aureo sceptro na mão, sobre a loira cabeça

Aurea corôa real. Nos hombros d'alabastro
Manto real.
E assim, morta e rainha, a Castro.

Cheia de assombro e medo, a côrte n'esse dia
De um cadaver beijou a mão ebúrnea e fria.

Dois tumulos iguaes, onde avultam primores,
Lagrimas, cherubins, estrellas, aves, flôres,
Lavrou-os o cinzel não menos que a saudade
Para que, par a par, durmam na eternidade
Ignez e Pedro, os dois, n'uma serena alliança,
Redivivo o amor, saciada a vingança.

Posto no esquife real entre rosas e lyrios,
De Coimbra a Alcobaça o cadaver da Castro
Vai deixando após si um longo e duplo rastro
De flores e de cirios.

Assim como no céu uma estrella cadente
Passa atravez do azul n'um vôo sidéreo e brando,
Assim na ondulação dos cirios, brandamente,
Ignez ia passando...

D'essa pompa real a profunda memoria,
D'esse drama de amor a tradição sagrada,
Ficou eternamente esculpida, gravada
Na lenda e na historia.

VI

A par do idyllio—amor,—a tragedia—vingança,—
Sombrios, colossaes.
Uma fera e uma creança
Que a saudade commum poude na dôr unir,
Uma sempre a chorar, outra sempre a bramir,
No coração do rei teciam noite e dia
Uma extranha urdidura, e cada qual tecia
A mesma trama negra em differente tear...
Uma sempre a bramir, outra sempre a chorar.

Mandára o rei dispôr os fúnebres aprestes
De um banquete de sangue, igual ao de Thyestes.
N'esse festim de morte, horrivel, inaudito,
Fôra servido ao rei um manjar exquisito,
Um prato singular,—dos verdugos d'Ignez
Os tredos corações, inda quentes talvez...

Findo o banquete, o rei respira emfim, descansa
Na embriaguez do sangue excruciante e doce...
E sereno adormece a lamentar que fosse
Para tão grande amor tão pequena a vingança.

X

A JARRETEIRA

Na célere dança,
Que o rei não fatiga,
Da bella condessa
Soltára-se a liga,
—A liga, um primor!
O rei ajoelha
E a côrte se espanta
De vêr que Eduardo
A liga levanta,
—A liga, um primor!

Sorriem do caso
Com fina ironia
Os lordes e as damas
Por vêr que elle erguia
—A liga, um primor!

E o rei, maguado,
Não tarda que diga:
«Deshonra aos que zombam
«Do rei, e da liga.»
— A liga, um primor!

O rei, a vaidade
Da côrte castiga
Creando uma ordem
Em honra da liga,
— A liga, um primor!
Assim terminára
A rápida briga
Do rei com a côrte
Por causa da liga,
— A liga, um primor!

XI

D. LEONOR TELLES

I

Anverso

A nobre cavalgada
Correndo a toda a brida
Levanta, na fugida,
Nuvens de pó na estrada.

A plebe amotinada,
Em brios incendida,
Ha de pagar co'a vida
A sua fúria honrada.

Leonor assim o jura.
Feroz, de quando em quando,
Co'o seu olhar procura

Lisboa, e diz pensando
N'uma vingança dura:
«Eu amo-te, Fernando.»

D. LEONOR TELLES

II

Reverso

Consumma-se a vingança.
Na branda mão que o opprime
Fernando é como um vime
Na mão de uma creança.

Leonor grilhões lhe lança
N'uma embriaguez sublime.
A plebe expia o crime...
A forca não descansa.

Pregão de morte sôa,
Emquanto o rei, cordeiro
Aos pés d'uma leôa,

Bemdiz seu captiveiro.
Leonor pune Lisboa
E espera o conde Andeiro.

XII

D. JOÃO I

A côrte folgava e ria
Sob o copado arvoredo
De Cintra na sombra fria.

Ora um olhar, um segredo
Outro segredo, outro olhar
Procurava a furto e a medo;

Ora estrallavam no ar
Risos de franca alegria
N'um descuidoso folgar.

Assim o tempo fugia,
Assim a côrte folgava
De Cintra na sombra fria.

A rainha procurava
O rei com terna canseira,
E o rei a côrte evitava...

Porque uma frecha certeira,
Quando o amor faz pontaria,
Vence a mais alta barreira.

D. João primeiro sorria
A certa dama formosa
De Cintra na sombra fria.

Era a manhã tão calmosa,
Que o rei quiz beber n'um beijo
O orvalho d'aquella rosa...

Um rei sempre tem ensejo
De ser galante e ousado,
Se quer matar um desejo.

Por isso o rei, namorado,
A' dama um beijo furtou...
Que o beijo é bom se é roubado.

N'isto em roda o rei olhou
E viu já perto a rainha,
Que ouviu o beijo e parou.

Que severo olhar que tinha
A rainha n'esse instante!
Olhar que a gente adivinha...

O rei, composto o semblante,
Diz sorrindo—Foi por bem—...
Desculpas de um rei galante.

Mas vira o beijo tambem
Uma pêga chocalheira.
E a pêga máu sestro tem...

Falla de mais, é palreira.
E a phrase que ao rei ouviu,
A pêga bisbilhoteira

Tantas vezes repetiu
Da rainha em torno voando,
Que se cansou, e fugiu.

Este caso memorando
Do rei, do beijo e da pêga
Que foi dizendo e voando,

Nem mesmo a chronica o nega.
De Cintra a famosa sala
Inda hoje do caso falla.

Até um rei escorrega!

XIII

FRANCISCO I

Foi uma côrte galante
A de Francisco primeiro.
Era o rei tão inconstante,
Tão vário, tão mulhereiro,
Que do palacio á taberna,
D'E'tampe ao Saltabadil,
Deixou uma lenda eterna
De rei ditoso e gentil.

Caçadas, trovas, amores
Levaram-lhe a vida inteira.
Viveu desfolhando flores
Com mão segura e ligeira.
Entre as damas e os jograes,
Entre a alcôva e Triboulet,
Vogava em ócios reaes
Da vida a veloz galé.

Nos mares azues, serenos
Que a veloz galé sulcava,
Surgia sorrindo Venus
Na ondulação do crystal,

E Marot Venus saudava
Dizendo-lhe um madrigal.

Vellas de fina cambraia,
Remos de ouro e de rubins,
Com taes aprestos reaes
Vogava a galé buscando
De Cythéra a verde praia,
Onde entre flóreos jardins
Fugia o tempo voando
Nas azas dos madrigaes.

Que bellos ócios reaes!

Se um leve remorso vinha
Pôr uma sombra fugaz
Nos ócios do rei galante,
Prompta desculpa elle tinha,
Quando voluvel amante,
Despejava o seu carcaz.

O rei cantava e sorria:
«Da mulher o pensamento
«E' como a pluma que o vento
«Vai levando. Assim varía.
«E bem louco é quem se fia!»

O rei, sorrindo, cantava.
Triste a rainha chorava...
Mas Triboulet applaudia.

XIV

JOANNA A DOUDA

Louca a rainha, o corpo inanimado
Do que a morte roubou dilecto esposo
Passeia-o sobre o côche luctuoso,
Seguindo-o n'um silencio concentrado.

Quél-o por sua mão ter perfumado,
Cobre-o de beijos n'um extranho gozo,
Não tem outro cuidar, não tem repouso,
Senão o de ir amando o seu amado.

Cheio de assombro o povo reverente
Chora vendo passar longo e sombrio
Esse triste cortejo lentamente.

Mas a louca sorri quando procura
Acalentar do rei o corpo frio
N'um idyllio de amor e de loucura.

D. LEONOR D'AUSTRIA

XV

PAI E FILHO

I

D. João vira o retrato. Achára bella
A sua noiva, irmã de Carlos V,
Leonor, princesa d'Austria e de Castella.

Mas o rei D. Manuel, sempre faminto
De gozos conjugaes, vendo o retrato,
Sentira reaccender-se o fogo extincto...

Por debaixo de mão, com fino tacto
De velho Barba-Azul astucioso,
Que bole em brasas com a mão do gato,
Roubou a noiva ao filho, e foi ditoso!

II

Como foi isso então?! Como seria?!
Um rei feliz faz tudo quanto quer,
Sobretudo se tem diplomacia...
Rouba uma corôa, rouba uma mulher
Do mesmo modo e com igual primor.
Sobretudo se tem diplomacia
E vai untando as mãos do embaixador...

Foi assim... Tudo o mais fez-se de prompto.
Espalhava em Castella o diplomata
Que o principe era idiota, um pobre tonto,
E o rei era dos reis a flôr, a nata,
Não lhe faltando mesmo o que podia
Faltar-lhe já co'a idade e co'o cansaço...
Dizia o embaixador: «Tem fibras de aço!»
E a côrte ou dava crédito ou fingia.

Faz tudo um rei se tem diplomacia.

III

Finalmente chegára o duro lance
Em que o principe viu a infanta bella

Entrar na alcôva real, noiva e donzella,
Para acordar sem viço no outro dia.
Tinha toda a razão no que dizia
O astuto embaixador, habil devasso.
O rei D. Manuel, quando queria,
Comquanto velho tinha fibras de aço...

Finalmente chegára o duro lance,
Mas um olhar bastou, um só olhar
Trocado a medo e muito de relance
Para fazer dois corações vibrar.
N'aquella hora o principe sentira
Queimar-lhe o sangue a lava de um vulcão.
Dentro do peito o coração rugira
Como ruge o oceano e ruge o leão.

IV

Entre os dois que se amavam, como espectro
De visão infernal, o rei ditoso
Involto em púrpura, empunhando o sceptro,
Surgia remoçado e radioso,
Emquanto os dois viam n'elle o pai e o esposo...
O impossivel, emfim! a eternidade
Do desespero n'um supplicio enorme.
Ai do que tem no peito a tempestade,
Emquanto o rosto como um lago dorme...

V

Assim como anoitece lentamente
E vão descendo as sombras uma a uma,
O coração do principe, dolente,
Foi-se fechando n'uma espêssa bruma.
Assim como anoitece lentamente...

Pouco a pouco apagou-se a luz suave
Dos sonhos ideiaes da mocidade.
Se no seu peito inda cantava uma ave,
Emmudeceu-a a dôr e a soledade.
Assim como do vento o duro açoite
Rouba ao jardim quanto o matisa e alegra,
D'esse amor infeliz a nuvem negra
Roubára a luz... Era profunda a noite...

Como Hamlet sombrio, aquelle principe
Sempre abysmado n'uma extranha magua
Que não recebe o orvalho d'uma lagrima
—Deserto onde não cai nem gotta d'agua,—
Já não é hoje o mesmo que hontem era,
Vive, e não sabe o que a sua alma é...
Tem impetos de louco, ancias de féra,
Que só encontrarão descanso um dia
N'essa enorme e cruel selvageria
Da fornalha chamada auto de fé...

VI

Mas o rei Barba-Azul não fôra eterno,
Dera emfim que fazer ao cangalheiro.
E um pensamento que inspirára o inferno
Sorriu na mente a D. João III.

Essa mulher formosa que elle amára
Ia pagar-lhe os longos soffrimentos,
As enormes angustias, os tormentos
Da sua mocidade que passára...

Viu-a agora a seus pés, terna e vencida,
Seguil-o, offerecer-se-lhe, entregar-se...
E elle, que esp'rára essa hora toda a vida,
Quiz os laços do amor partir, vingar-se.

Sempre sombrio e sempre concentrado,
Vexou-a e despediu-a.
E n'esse instante
O seu olhar sinistro e desvairado
Foi mergulhar-se n'um clarão distante.

Era a fogueira santa que esperava
Pelo humano carvão que a alimentava...

GABRIELLA D'ESTRÉES

XVI

A ENCANTADORA GABRIELLA

Via a seus pés Gabriella
O rei Henrique ajoelhado.
Via o rei nos olhos d'ella
Todo o azul do céu doirado,
Que nos olhos de Gabriella
Ha o brilho de uma estrella
Sobre o azul immaculado.

Colhe o rei n'uma ancia louca
De amoroso desvario
Cada palavra que vem
Cahindo da sua bocca
Como perolas em fio.

Assim ás vezes tambem
Cai da fonte crystallina,
Gotta a gotta, a agua pura

Sobre a taça alabastrina
Que o Amor nas azas segura.

—«Encantadora Gabriella,
Diz o rei, sou teu, és minha.
«Sobre o frouxel do teu peito,
«Philomela ou andorinha,
«Achei o meu ninho feito.

Que no seio de Gabriella
Ha o doce calor suave,
Que tem o ninho de uma ave,
Andorinha ou philomela.

«Pede em troca o que quizeres,
«Tudo ou nada, e será lei.
«Saibam da França as mulheres
«Que és a rainha do rei.
«Ha no teu rosto, Gabriella,
«A formosura suprema,
«Que tem de Phídias a linha.
«Deu-te Deus o diadema,
«Curva-se o rei á rainha...»

—«Oiço-vos, sire, e receio
«Acreditar-vos... mas creio
«Que foi Deus que vos chamou.

«O meu coração delira...
«Se lucto, é que Deus me inspira
«No amor que vos inspirou.
«A' beira do immenso abysmo
«Onde a impiedade vos pôz,
«Vença Deus o calvinismo,
«Que fez de vós um algoz.
«Cada huguenote vencido
«Ser-vos-ha pago, senhor,
«Por um sorriso d'amor,
«Que Deus terá protegido...»

—«Juro. A ovelha desgarrada
«Entra no aprisco bemdito.
«Conduze-a tu, minha amada,
«Guia o cego, ama o precito.
«E dize a Deus que te escuta
«Que de um teu olhar a luz
«Fez um altar a Jesus,
«Tão santo como não tem
«Em toda Jerusalem.»

Poucos dias depois Henrique abjurava,
As portas de Pariz abriam-se ao vencido.
Cedia a Liga emfim, Gabriella triumphava
E Deus, do céu azul, ouvia o convertido.

XVII

D. JOAO IV

Era o conde D. Gregorio
Um tão infeliz marido,
Que por tres vezes casára
Sendo sempre mal servido.

Brázia, a primeira condessa,
Não passou por pudibunda.
Não tinha melhor cabeça
Guiomar, que fôra a segunda.
E Mariana, a terceira,
Largou a fazer das suas.
Portou-se de tal maneira,
Que foi peior do que as duas.

D. João IV conhecia
Do conde a sorte mofina,

Cheirou-lhe a condessa nova,
Quiz o rei tirar a prova...
De quanto póde uma sina.

E a condessa Mariana,
Vendo o rei não sei aonde,
Disse: «Coitada de mim!
«E' sina que tem o conde!...
«As outras foram assim...»

Era sina ou era enguiço.
Estava escripto, por isso...

Pobre condessa! escorrega.
Mas não se mostra tão cega
Que o seu erro desconheça...
E por mais que o rei a instigue,
Finge ter medo a condessa,
Teme que o conde appareça,
Teme que Deus a castigue.

Seus prantos emfim adoça
O rei que a enlaça e responde:
«E' sina que tem o conde...
«A culpa é d'elle... e não nossa.»

E o pobre de D. Gregorio,
Já por tres vezes marido,
Sempre a mudar de condessa,
Sendo sempre mal servido!

Gostára o rei da aventura,
Achou-lhe um sabor picante.
E, quando a noite era escura,
O rei, cauteloso amante,
Ia, de espada á cintura,
Largo chapéu na cabeça,
Passar um serão galante
No *boudoir* da condessa.

Mas certa noite, na escada,
O rei um vulto encontrou.
Vai logo co'a mão á espada,
Que n'outra espada cruzou.

E dizia o rei comsigo,
Brandindo a lámina fina:
«O conde não é, de certo,
«Porque o conde é muito esperto
«Para luctar com a sina...»

Até que o desconhecido
Alguma praga raivou...
O rei conheceu quem era,
E de esgrimir não deixou.
Só quando vinham criados
Foi que a lucta terminou.

Do rei o ousado comborço,
Sem o haver reconhecido,

O extranho caso rumina:
«Não foi decerto o marido,
«Que deve estar convencido
«De quanto póde uma sina.»

Riram do caso os lacaios,
E a condessa Mariana
Teve sustos e desmaios
Durante toda a semana.

O rei, levemente f'rido,
Ficou sabendo a primor
Que no fructo prohibido
Nem tudo é polpa e sabor.

Mas d'este idyllio amoroso
Tamanho enredo nasceu,
Que *o outro,* (*) escriptor famoso,
Doze annos preso jazeu.
E a condessa Mariana
Pagou o ser leviana
Co'a peçonha que bebeu.

O conde, mal maridado,
Não tentou quarta condessa.
«E' sina!» disse, coitado!
Sempre a coçar na cabeça.

(*) D. Francisco Manuel de Mello. Vide *Notas.*

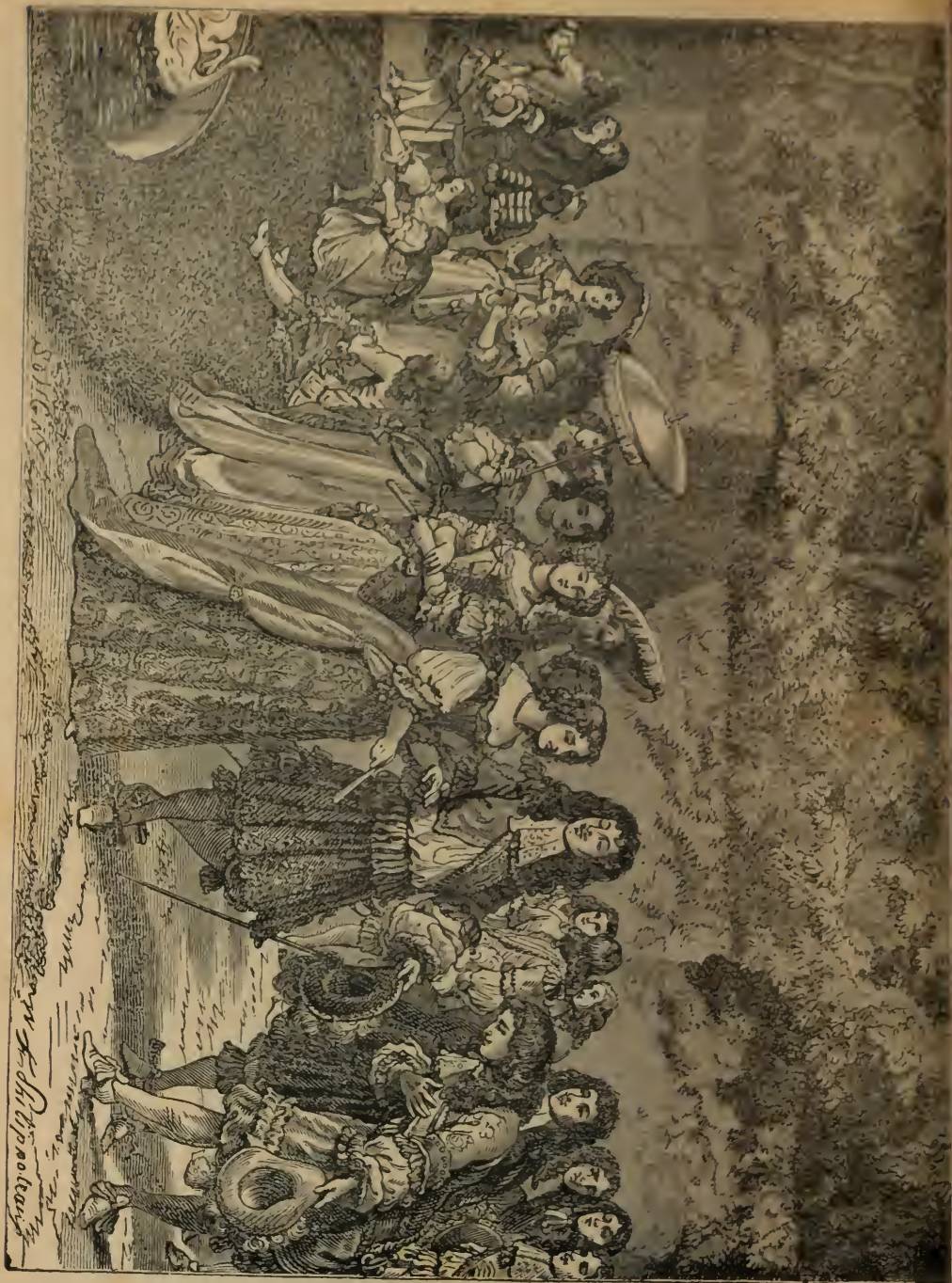
XVIII

LUIZ XIV

Era em Fontainebleau. Folgava a côrte
Olympica e feliz.
Tinham ondas de luz os fatos de oiro,
Os cachos de cabello longo e loiro
Em torno ao rei Luiz.

D'essa côrte opulenta as grandes damas
Pompeavam das sedas o matiz,
Emquánto o sól ia accendendo chammas,
Ao longo dos jardins,
Nas joias rutilantes:
Pareciam arder os diamantes,
Faiscar os rubins.

Amanhecêra bello aquelle dia
Destinado ao prazer

CÔRTE DE LUIZ XIV

Da mais famosa côrte do occidente.
O sól quizera ser
Cortezão n'esse dia...

De repente
Uma nuvem subtil, ténue e azul,
Fôra toldando o ar, mudando a côr,
Desdobrando-se ao sul
Como as azas abertas d'um condor.

A côrte distrahida
Ria e folgava levianamente
Nos ócios entretida
De um *dolce far niente.*
Eram tudo sorrisos e gracejos.
E, ás vezes, n'uma sombra da floresta
Ouviam-se estalar de manso os beijos.
A côrte estava em festa.

Pouco depois, a nuvem traiçoeira
Vem pôr na côrte uma profunda magua
Despejando do alto, zombeteira,
Enormes cordas d'agua.

Foge a côrte apressada como um bando
De rôlas que presente o caçador.
As caudas sobraçando,
Fogem as damas; cada gran-senhor

LA VALLIÈRE

Vae dando aos calcanhares
N'um passo de andarilho
Por salvar os arminhos e cocáres
E dos rútilos fatos o aureo brilho.

Então o rei Luiz,
Que distinguir uma só dama quer,
Off'rece com gentil galanteria
O apoio da sua mão alva e macia
A' loira Vallière.

Tamanha honra despeitou a côrte.
As damas offendidas
Vão commentando o caso e vão fugindo
Menos alegres já que resentidas.
E a chuva vae caindo.

O rei, quasi indiff'rente á chuva e á côrte,
Mais ditoso que nunca então parece.
Na sua mão comprime docemente
De Luiza a mão, que vibra e que estremece.

Galante e ousado, o grande rei Luiz
A' loira Vallière baixinho diz:

—«Hontem pelo luar
«Ouvi sair de dentro do arvoredo
«A voz de quem dizia algum segredo.

Parei para escutar.
«Era sua essa voz, querida Luiza,
Que eu bem a conheci...
«Não corria sequer múrmura brisa,
«Distinctamente ouvi.
«No bosque do castello
«Era um grupo de damas. Discutiam
«Qual fosse o mais gentil, qual o mais bello
«Dos fidalgos da côrte. Ellas diziam
«Varios nomes... bem sei.
«Só Luiza dissera muito a medo
«E eu ouvi occulto no arvoredo:
«Bello e gentil... el-rei!...»

Principiára assim aquelle idyllio
Tão louco, tão ardente.
Era *rei-sól* aquelle rei ditoso
E por isso crestou, ébrio de goso,
Do lirio branco a alvura rescendente.

Toda se dera a loira Vallière
Aos caprichos do rei, toda se dera,
E chorando e sorrindo depozera,
N'uma loucura terna de creança,
Aos pés do rei Luiz a sua esp'rança,
Da sua vida o amor e a primavera.

Engano d'alma o seu. Esp'rança van
Aquella esp'rança que tão viva tinha.

Succede um dia a outro... E no céu vinha
Surgindo a nova aurora—Montespan.
Era um novo arrebol
De luz, de amor, d'esp'rança e de ventura.
De signo em signo o rei Luiz, um sól,
Ia girando como o sól na altura...
E d'esse doce idyllio as rosas pallidas
Cairam desprendidas pelo vento,
Como aos pés de Luiza as fulvas tranças
Nas lages d'um convento...

D. MARIA FRANCISCA ISABEL DE SABOYA

XIX

LENDO . . .

Era moça a rainha e moço o infante.
Liam juntos um livro, um livro eterno,
Os tercetos esplendidos do *Inferno*
Na *Divina Comedia,* liam Dante. . .

Chegaram lentamente áquelle instante
Em que Paulo e Francisca emfim cederam
A' tentação do amor e se perderam. . .

De repente tambem um longo beijo
Juntou as duas boccas n'um desejo. . .
Córa a rainha, empallidece o infante.
E máu foi começar. D'ali por deante. . .

O pobre Affonso VI, desthronado,
Duros annos chorou n'uma prisão.
E assim um rei acaba encarcerado,
Dirão talvez, ás mãos do proprio irmão!

Pois dizem mal. Não teve culpa o infante
Nem a frágil rainha que cedeu...
Quem a teve sei eu.

. . . .

Ninguem deixe cunhados lêr o Dante.
Está a arder no inferno esse tratante.

XX

ODIVELLAS

El-rei João V em Odivellas
Tinha um serralho—bom de lei.
Era lambão de freiras bellas
E marmelada, aquelle rei!

Dizem que até nem distinguia
Entre um *ladrilho* e uma freira.
Saboreava e repetia...
A começar pela rodeira.

Ia subindo, leão monástico
Que faz o salto e a juba erriça.
O seu desejo par'cia elástico,
Se entrára em fôlha uma noviça.

Nem sempre emfim prendas d'aquellas
Podia haver. O rei então
Em via-sacra andava as cellas,
Fazendo em todas estação.

Cansado, e muito, da jornada,
Falto de forças, quasi morto,
Ia comendo a marmelada,
Sempre a beber vinho do Porto.

Prompto a sahir, de cada canto
Vinha uma freira, desbotada,
Trazer-lhe o gôrro e mais o manto,
Trazer-lhe o lenço e mais a espada.

O capellão, sabe Deus como!
Fazia das tripas coração.
No pomar santo nem um pômo
Deixava o rei p'r'o capellão.

Mesmo a abbadessa era tentada...
Querendo ao rei um mimo dar
Timbrava em ter boa marmelada,
Já que mais nada podia dar.

Descia el-rei. Madre rodeira,
Porque descesse estava morta.
Se el-rei entrava, era a primeira...
Sahia el-rei, fechava a porta...

MADAME DE POMPADOUR

XXI

LUIZ XV

No salão dos espelhos em Versailles
Cada crystal traduz
O corrupto esplendor da côrte frívola,
Sobre um fundo de luz.

Os torpes rufiões do rei Luiz XV
Com ademan servil
Curvam-se em torno ao rei fazendo círculo
E á Pompadour gentil.

Du Barry, uma pérola encontrada
No chão do lupanar,
Apruma o busto em *pose* de modêlo,
Deixa-se esculpturar.

Ao lado o rei folheia por disfarce
Um livro por abrir,
E o seu olhar lascivo vai oblíquo
No *modêlo* incidir.

MADAME DU BARRY

A Pompadour, altiva e decadente,
Põe o leque e sorri
Atravez das varetas, despeitada
Mirando a Du Barry.

Ella bem sabe emfim que sôa a hora
Em que, vencida actriz,
Vai no palco do amor ser preterida
Por outra mais feliz.

Em frente á Du Barry, cinzel em punho,
Pajou, moço esculptor,
Reproduz da condessa o busto esvelto
Com notavel primor.

O rei, a côrte, e a Pompadour sorrindo
Um riso amargo e crú,
Encarecem com phrases hyperbólicas
O cinzel de Pajou.

A Du Barry, modêlo imperturbavel,
Sem olhar, sem ouvir,
Adivinha do rei o olhar ardente,
Da marqueza o sorrir.

. . . .

No salão dos espelhos em Versailles
Cada crystal traduz
Mais um tropheu que o rei ganha ao prostíbulo,
Sobre um fundo de luz.

XXII

AFFONSO XII

Eram moços e primos. Desde a infancia,
A violeta tímida do amor
Foi derramando uma subtil fragrancia
No coração dos dois.
                                        Abria a flôr
A pouco e pouco as pétalas mimosas,
Vicejando n'um intimo calor...
E aquellas duas almas radiosas
Guardavam no segredo do seu peito
          Todo um poema feito
          De auroras e de rosas.

Um dia, a onda amiga do destino
Trouxe-o do exilio ao throno em que nascera.
Partiu com maldições; recebe-o um hymno
De alegria e triumpho. E' rei. Vencera.

A côrte a toda a hora o prende e opprime;
Segue-lhe os passos, importuno espectro.
Como se a liberdade fôra um crime
Vedado a quem possue o mando e o sceptro.

Só, no meio da côrte, o pensamento
Foge-lhe para o azul, terna andorinha.
E não passa um momento
Sem que o rei n'um idyllio mysterioso
A si mesmo prometta ser esposo
Da formosa priminha.
E' rei. Pois bem! póde escolher rainha.

Um dia, que de todo o seu reinado
Foi o melhor talvez,
Affonso, cada vez mais namorado,
Era de toda a côrte acompanhado
Na coutada real de Aranjuez.

Mercedes, a priminha feiticeira,
Estava ali tambem,
Mas persegue-os a côrte de maneira
Que nem um só instante
Aquelle pár amante
De liberdade tem.

De repente, na estrada de Toledo
Vem rodando entre nuvens de poeira

Uma carroça. O rei detel-a fez,
E sóbe! empunha as rédeas. Rindo chama
A prima e uma só dama.
Solta as rédeas, e partem todos tres.

Então, gozando ancioso a liberdade
D'esse instante feliz,
Aquelle rei de Hespanha
A' priminha fallou em lingua extranha,
E só a prima entende o que elle diz...

«Sou teu, tu serás minha.»

Passou tempo, e Mercês era rainha.

NOTAS

NOTAS

INTRODUCÇÃO (pag. 27)

A côrte foge, se póde,
Trémula, ouvindo-lhe a voz...

Em 1885, por occasião da chegada a Lisboa dos nossos illustres exploradores africanos, Capello e Ivens, escreviam as *Republicas* (2.ª serie, n.º 41):

«O leão, diz Capello, não come carne, por via de regra, senão de rez que elle proprio mata; (é como os judeus, a féra!) e come pouco, mas gosta de *carne viva.* O muito que deixa, de cada rez, é para os seus satelites: —lobos, hyenas,—féras de segunda e terceira grandeza. Comtudo ao *rugir* do leão, que é diverso do seu *cantar,* tremem todos os animaes do sertão; e até os cães transformam n'uma especie de chôro os seus ladridos e uivos.»

A SANDALIA DA RAINHA (pag. 31)

Esta lenda deve ser interpretada á luz da mythographia.

Chassang, na *Historia do romance,* fallando da influencia que os contos milésios, essas primeiras narrativas eroticas da antiguidade grega, exerceram na litteratura e até na historia pela introducção do elemento anecdotico, accrescenta: «Taes eram os contos relativos á corteză Rhodópis: segundo uns, ella haveria levantado uma das pyramides do Egypto convidando cada um dos seus amantes a acarretar uma pedra; segundo outros, teria chegado a ser rainha do Egypto graças á perda de uma sandalia; é a historia da *Gata borralheira (Cendrillon.)*» (*)

Maspero, na *Historia antiga dos povos do Oriente,* refere por extenso não só a segunda anecdota a que Chassang allude, e que já Strabão contára, mas explica tambem como o nome da rainha egypcia Nitokris veio a ser convertido, pelos viajantes gregos, em Rhodópis.

(*) *Histoire du roman et de ses rapports avec l'histoire dans l'antiquité grecque et latine,* 2.ª edição, pag. 397.

«Durante os setes annos do seu reinado, Nitokris concluiu a terceira das grandes pyramides que Menkera tinha deixado incompleta. Augmentou em mais do dobro as dimensões do monumento, e dispendiosamente o revestiu de syenite, o que depois, e com razão, fazia a admiração dos viajantes gregos, romanos e arabes. Foi exactamente no centro d'esta pyramide, sobre a camara onde o piedoso Mykerinos repousava havia mais de oito seculos, que Nitokris foi tambem sepultada n'um sarcophago de basalto azul, cujos fragmentos poderam encontrar-se. Deu isto logar mais tarde a que lhe attribuissem, em detrimento do verdadeiro fundador, a construcção de toda a pyramide. Os viajantes gregos, a quem os exegetas referiam a historia da *bella de faces côr de rosa,* converteram a princeza em cortezã e substituiram o nome de Nitaqrit pela designação mais harmoniosa de Rhodópis. Um dia em que ella se banhava no rio, uma águia, empolgando uma das suas sandalias, arrebatou-a na direcção de Memphis e deixou-a caír sobre os joelhos do rei que em publico estava administrando justiça. Encantado o rei da singularidade da aventura e da belleza da sandalia, mandou procurar por todo o paiz a mulher a quem ella pertencia, e foi as-

sim que Rhodópis chegou a ser rainha do Egypto.» (*)

Husson, na *Chaine traditionnelle,* não crê verosimil que a tradição popular da *Gata borralheira* deva ir procurar-se originariamente aos auctores gregos que historiaram a anecdota da sandalia de Rhodópis, talvez por influencia dos contos milésios, como quer Chassang.

A averiguação da origem d'este conto tradicional inspira por certo tanto mais interesse, quanto é extensa a sua vulgarisação atravez da Europa, em prosa e verso; vulgarisação que impressionou *Filinto Elysio* quando, annotando uma das suas odes, escreveu: «Com o titulo de — *Gata borralheira,* — me contava minha Mãe a historia da Cendrillon. E nunca minha Mãe soube francez.»

Pende Husson para a hypothese de que a lenda da sandalia de Rhodópis, em que parece filiar-se a tradição da *Gata borralheira,* não deve fixar-se nos auctores gregos, mas reputar-se como a transformação de um symbolismo mythico em anecdota historica.

Segundo a sua opinião, a *Gata borralheira,* victima de tantas humilhações domesticas e mas-

---

(*) *Histoire ancienne des peuples de l'Orient,* 2.ª edição, pag. 93.

carrada pelas cinzas do lar, não é senão a personificação da luz eclypsada que, a final, recobrará o seu brilho primitivo, desposará o sól nascente encarnado na figura de um joven principe, por cujo amor entrará na posse de soberanos esplendores.

Esta é tambem a opinião do sabio professor Angelo de Gubernatis. A aurora, vestida ainda com as ultimas névoas cinzentas da noite, só consegue brilhar quando o sól está proximo.

Na mythologia védica Mithra (o sol) encontra uma das sandalias perdidas pela Aurora na sua rapida carreira; esse chapim dá-lhe a medida do pé, um pé tão pequeno que chega a ser quasi imperceptivel.

«A lenda do chapim perdido, observa Gubernatis, e do principe que procura o pé que o calçava, lenda que fórma o nucleo do conto popular da *Gata borralheira,* parece-me bazear-se inteiramente sobre o duplo sentido da palavra *apad,* que ao mesmo tempo significa aquelle ou aquella que não tem pés, ou o que póde servir para medir o pé, quer dizer, a pégada ou sapato; note-se que muitas vezes, na lenda da *Gata borralheira,* o principe não pode alcançar a fugitiva, porque ella é arrebatada n'um carro veloz.»

Este carro é o da Aurora, tal como elle ap-

parece nos hymnos védicos, luminoso e célere.

Na tradição russa, a irmã da *Cendrillon* tenta calçar o chapim, mas é tão pequeno que o pé não cabe. Então a mãe dá-lhe de conselho que corte o dedo maximo. Feita esta mutilação, o pé entra, e os enviados do principe levam comsigo, em vez da *Cendrillon,* a irmã, mas duas pombas seguem-n'a dizendo: «Ella tem sangue no pé, ella tem sangue no pé.»

Como se vê, na tradição russa o sangue tem por fim dar ao chapim a coloração rubra das sandalias da Aurora.

Outras vezes a sandalia é de crystal — que representa a transparencia lúcida da manhã,— como no conto de Perrault; outras vezes é de ouro, como os raios da aurora.

A luz matinal, batendo as trevas da noite, parece trazer comsigo uma promessa de abundancia e prosperidade, um presagio de *boa fortuna,*—essa boa fortuna que, ao cabo de tantos desgostos e soffrimentos, ha de sorrir á *Gata borralheira.*

A princeza dos contos indianos, que corresponde á *Cendrillon* franceza e á nossa *Gata borralheira,* chama-se Sodewa-Bai, o que quer dizer *Dama da boa fortuna.*

Assim se explica, como um voto de felicidade,

o costume de atirar com sapatos aos noivos, como em Inglaterra; e de beber á saude da noiva, pelo seu chapim, como no Palatinado.

Tambem assim se explica a superstição das creanças francezas, que na vespera de Natal vão pôr no fogão um sapato, esperando encontral-o na manhã seguinte cheio de *bibelots* offerecidos pela fada da boa fortuna.

Ficam por este modo explicados todos os elementos mythicos que concorrem no conto da *Gata borralheira*.

N'uma das versões portuguezas o sapatinho é de setim.

Um viuvo tem uma filha, que, attraida por uma viuva, que tambem tem uma filha, procura induzir seu pae a casar com a viuva.

O pae resiste por algum tempo, mas casa por fim, e a mulher começa a maltratar a enteada, favorecendo egoistamente a filha.

A pobre rapariga toda mascarrada pelos grosseiros trabalhos domesticos (as sombras da noite; nos contos russos, a *Gata borralheira* chama-se Cernushka, o que significa a *pequena negra)* tem porém uma vaquinha (a fada da boa fortuna) que a protege.

Convém observar que na mythologia védica a vacca é muitas vezes um symbolo da Aurora

ou da Primavera, a quadra da luz e da floração, que promette a abundancia.

A implacavel madrasta resolve fazer matar a vaquinha, cujas tripas a *Gata borralheira* vae lavar ao rio. Mas uma tripinha escapa-se-lhe das mãos, foge rio abaixo, e a pequena corre atraz d'ella, que só parece haver parado quando ambas chegaram ao sitio onde havia uma habitação de fadas.

Desde esse momento foram as fadas que protegeram a pobre *Gata borralheira*. Fadaram-n'a para que fosse a cara mais linda do mundo e para que deitasse perolas pela bocca quando fallasse.

A cara mais linda do mundo—a Aurora, que tambem lança perolas de orvalho sobre a terra quando principia a descerrar os labios purpurinos.

Os elementos mythicos descobrem-se facilmente atravez do maravilhoso do conto.

A menina, munida da vara de condão que as fadas lhe deram, tem tudo quanto deseja, ao passo que a enteada do pae nada tem.

Chegou o tempo de fazer annos um grande principe (o sól).

A menina, querendo ir á festa, pediu á vara de condão que lhe désse *um vestido da côr do ceu, todo recamado de estrellas de ouro.*

Duraram as festas tres dias, e no terceiro, a *Gata borralheira,* com medo de tardar em casa, deitou a correr com a velocidade com que a Aurora passa no seu carro, e perdeu um sapatinho.

E'o principe quem o acha e, assombrado da sua pequenez, procura por toda a parte a dona. A madrasta da *Gata borralheira* pretende fazer acreditar ao principe que o sapato é de sua filha, mas o principe reconhece que ella não póde calçal-o. Finalmente apparece a *Gata borralheira,* e o sapato serve-lhe. O principe desposa-a, e é então que ella é feliz,—como a Aurora dos hymnos védicos que só tem risos de alegria quando vê aproximar-se o esposo.

A *Gata borralheira* chegou á felicidade pelo casamento, pelo amor satisfeito do principe. Convém notar esta circumstancia para apreciar a versão portugueza em que a vacca é substituida por um peixe, o qual peixe é por sua vez um principe encantado. Ora o peixe é um symbolo phallico; em sanscrito, um dos epithetos do deus do *amor* é—*makaradhvaga,* aquelle que tem um peixe por divisa.

Nos cantos populares da Madeira, a *Gata borralheira* chama-se Maria, como em outros paizes *(Masha, Marion).* O romanceiro con-

serva incontestavelmente os mesmos elementos mythicos que a novellistica:

Vestido de azul e oiro,
Que nem rainha vestia;
Nem estrella d'alvorada
Tão linda no céo nascia!
Mas faltava-lhe um chapim;
D'um só pé calçada ia. (*)

Garrett, no primeiro volume do *Romanceiro,* traz uma xácara, intitulada o *Chapim d'el-rei,* em que o unico elemento mythico sobrevivente é o chapim que o rei perde no quarto da condessa.

OS AMORES DE DAVID (pag. 39)

Todo o assumpto d'esta composição é completamente conforme á narrativa biblica do livro dos *Reis* (cap. XI e XII.)

Por lapso de revisão, sahiu errado o verso decimo quarto de pag. 44; deve ler-se:

Como se esfolha uma flor

(*) Vide *Romanceiro do archipelago da Madeira,* colligido e publicado por Alvaro Rodrigues de Azevedo (Funchal, 1880), pag. 364, *Gata borralheira.*

AS BODAS DE SALOMÃO (pag. 45)

«O *Cantico dos canticos* pertence, como sabes, ao numero dos livros sagrados, e é ponto inconcusso, entre os padres da Egreja, que os desposorios de que falla Salomão exprimem a união mystica do Verbo incarnado com a natureza humana, com a Egreja e com as almas justas.

«Os presidentes da synagoga judaica prohibiam a leitura d'este livro a quem não tivesse mais de trinta annos; e, ainda em tempos do piedoso João Gerson, nem os doutores o liam antes d'essa idade. E de feito nem Theocrito nem Florian deram jámais aos seus idyllios aquelle perfume voluptuoso que, por entre flores de poesia immorredoira, livremente se respira no idyllio de Salomão.

«Theodoro Mopsueste teve o ousio de ligar a esse idyllio um sentido exterior, e não mystico, interpretando-o litteralmente, mas foi condemnado pelo segundo concilio de Constantinopla.»

CANDIDO DE FIGUEIREDO, *A Folha*, (1869).

Na *Prefação ao livro do cantico dos canticos,*

o padre Antonio Pereira de Figueiredo fornecendo todas as noticias historicas que se relacionam com a exegese d'este poema biblico, e ás quaes o nosso amigo Candido de Figueiredo se refere, recommenda que todos devem fugir do carnal e impudico commentario de Grocio, o qual, considerando impiamente este epithalamio, como se fosse o de Theocrito feito ás *Nupcias de Menelau e Helena,* ousa explical-o n'um sentido todo profano.

Reuss considera o *Cantico dos canticos* uma collecção de pequenos poemas lyricos em que é cantado o amor material; e data-o do seculo X, a que outros tambem o fazem remontar, comquanto alguns opinem pelo seculo III.

Que saibamos, o *Cantico dos canticos* tem sido traduzido ou imitado em portuguez pelos srs. João de Deus, Guimarães Fonseca, Sousa Monteiro e Coelho de Carvalho.

Em toda a composição que publicamos procuramos dar-lhe o sabor oriental das comparações de Salomão no *Cantico dos canticos.*

BERENICE (pag. 51)

O cêrco de Jerusalem, emprehendido por Vespasiano, foi concluido gloriosamente por Tito, seu filho mais velho, no primeiro anno do reinado do pae.

Os antigos prophetas haviam predicto este acontecimento como justa punição da morte de Jesus Christo. A immensa população de Jerusalem dispersou-se desde esse momento por toda a superficie do globo.

Tito trouxera como captiva de guerra a judia Berenice, que lhe inspirara um vivo amor. Era filha do ultimo rei dos judeus Agripa, irmã do jovem rei de Iturea, viuva de seu tio Herodes, rei da Chalcidica, e de Polémon, rei da Cilicia.

Como, porém, o povo romano murmurasse d'estes amores com uma extrangeira, que receiava vêr sentada no throno dos césares, Tito, ainda em vida de seu pai, sacrificou o proprio coração, reenviando Berenice ao Oriente.

Quando Vespasiano morreu e Tito foi acclamado imperador, Berenice voltou a Roma, mas o herdeiro do throno, firme na sua resolução, não quiz recebel-a.

Berenice, que contava mais treze annos do que Tito, devia ter cincoenta e dois ao tempo da morte de Vespasiano.

Racine escolheu este assumpto para uma das suas tragedias.

A separação forçada de Tito e Berenice é magistralmente aproveitada pelo eminente escriptor francez, que só reputava como mais commovente a separação de Eneas e Dido, na *Eneida*.

Racine, no *Prefacio,* defende-se da simplicidade do assumpto, dizendo que o genero tragico não tem mister de sangue e de cadaveres; basta que a acção seja grande, os actores heroicos, as paixões vibrantes, e que o conjuncto esteja impregnado da tristeza magestosa, que é a alma da tragedia.

Assim é. Mas a tragedia de Racine começa com o imperio de Tito, quando já Berenice perfazia cincoenta e dois annos de idade. Eis a razão por que nós, ao contrario do exemplo de Racine, preferimos encontrar Berenice menos velha e mais apaixonada, quando ainda Vespasiano occupa o throno de Roma, isto é, logo á volta de Tito do Oriente.

De passagem recordaremos o seguinte trecho de uma carta de Madame de Sévigné, que se relaciona com o assumpto d'esta nota:

«Je voulus hier prendre une petite dose de *morâle,* je m'en trouvai assez bien; mais je me trouvai encore mieux d'une petite critique contre la *Bérénice* de Racine, qui me parut fort plaisante et fort ingénieuse; c'est de l'auteur des *Sylphides,* des *Gnomes* et des *Salamandres* (l'abbé de Montfaucon-de-Villars); il y a cinq ou six petits mots qui ne valent rien du tout, et même d'un homme qui ne sait pas le monde: cela fait quelque peine; mais comme ce ne sont que des mots en passant, il ne faut pas s'en offenser: je regarde tout le reste, et le tour qu'il donne á sa critique; je vous assure que cela est trés joli.»

A TAÇA DO REI DE THULE (pag. 55)

Toda a gente conhece a ballada do *Rei de Thule,* que a Margarida do *Fausto* de Goethe canta no momento em que, indo deitar-se, encontra o cofre fascinador, cheio de joias preciosas.

Tem sido muitas vezes traduzida e paraphraseada em portuguez esta ballada notavel;

seria muito longo o rol dos traductores e imitadores, citaremos apenas Castilho (traducção do *Fausto;* Porto, 1872) e Anthero do Quental (*Folha,* periodico litterario de Coimbra, n.º 1 da 3.ª serie, 1871).

A ilha de Thule era o ponto mais septentrional que os antigos conheceram. Presumiu-se, por muito tempo, que fosse a Islandia; hoje variam as opiniões, mas a maioria pende a crêr que fossem as Shetland.

Virgilio, nas *Georgicas,* chama-lhe por isso mesmo *ultima Thule* (livro 1.º), que Castilho traduziu:

Thule, do mundo extrema.

Ha um quadro celebre de Ary Scheffer, inspirado pela ballada de Goethe. Foi exposto no *Salão* de 1839.

Como se vê, a nossa *Taça do rei de Thule* é uma especie de glosa á ballada.

NO CASTELLO DE GUIMARÃES
(pag. 57)

Toda esta composição é visivelmente inspi-

rada na leitura do *Bobo,* que Alexandre Herculano parecia reputar o seu melhor romance.

O *Bobo* foi primitivamente publicado no *Panorama* em 1843; em 1878 sahiu em volume, editado pela antiga livraria Bertrand, de Lisboa.

OS DOIS SANCHOS (pag. 61)

I

Andam memoradas na historia patria as luctas de Sancho I com o bispo de Coimbra, D. Pedro Soeiro.

A briga travada entre o rei e este bispo tem uma origem conhecida.

O rei exigira do prelado o pagamento de certa prestação *(procuração)* sobre uma quinta ou herdade da mitra. O bispo não annuiu, e o rei mandou *in continenti* arrazar as casas de campo que o prelado e os conegos tinham n'aquelle sitio. D. Pedro Soeiro vingou-se pondo interdicto em toda a diocese, e appellou para a santa sé. O rei, tendo sabido do procedimento

do prelado, ordenou aos seus vassalos que não respeitassem o interdicto sob pena de confiscação, e traição ao rei. O arcebispo de Braga interveiu convidando o bispo de Coimbra a levantar o interdicto. D. Pedro Soeiro resistiu, mas o rei tomou uma attitude energica, diz-se que ameaçára arrancar os olhos aos sacerdotes que na diocese de Coimbra não quizessem celebrar os officios divinos. O bispo cedeu á força, mas preparava-se para ir levar as suas queixas aos pés do pontifice, quando o rei o mandou encarcerar.

Desde esse momento, principalmente, a lucta deslocára-se de Coimbra para Roma. Não era com o bispo de Coimbra que Sancho I tinha agora a esgrimir, era directamente com Innocencio III, chefe da egreja catholica.

O rei portuguez não remittiu no pleito derivado para Roma. Accusou directamente o papa de facilmente dar credito a todas as insinuações malevolas contra a magestade real, *fallando d'ella ás vezes com indecencia;* relembrava que os santos successores de Pedro não costumavam fazer affrontas a ninguem, e acabava por dizer que lhe parecia racional applicar á mantença dos infantes seus filhos e dos capitães que defendiam o reino, o que aos prelados e clerigos sobejava dos bens temporaes.

O papa não se acobardou em face do rei, na hora da lucta.

Accusou-o de se haver dirigido ao summo pontifice com tanta irreverencia e arrogancia como só um principe hereje ou tyranno o poderia fazer.

Descendo a minudencias, lançou-lhe em rosto que consumisse os rendimentos das egrejas na sustentação dos seus bésteiros, cães, aves e cavallos; que encarcerasse os clerigos, os levasse comsigo ao exercito, e que publicamente tomasse em conta de mau agouro o encontrar-se com qualquer ecclesiastico. Depois increpa o rei por *entreter trato com uma feiticeira, a cuja casa ía todos os dias.*

O padre Antonio Pereira de Figueiredo, que escreveu uma notabilissima defeza do procedimento do rei n'esta questão, entende que o papa alludia metaphoricamente a D. Maria Paes Ribeira, uma das duas conhecidas amantes de Sancho I. E accrescenta: «Mas nenhum defeito é mais desculpavel em qualquer homem do que este, quanto mais em um rei.»

Herculano toma a allusão ao pé da letra, não vendo ou não prevendo a hypothese. «Tinha o rei—diz o eminente historiador—uma feiticeira ou mulher de virtude d'aquellas em que ainda hoje crê o vulgo, a qual consultava todos os dias.»

Pela nossa parte, propendemos a acreditar que o papa alludisse á mancebia do rei com a fidalga e formosissima Ribeira.

II

No tomo segundo da sua *Historia de Portugal,* Alexandre Herculano, escrevendo a respeito de D. Mécia Lopes de Haro, acrescenta: «Agora, porém, o amor só servia para distrahir o rei (Sancho II) dos cuidados da guerra e de buscar remedio á desorganisação interna, trazendo antes novos ciumes de valimento, segundo estes ou aquelles cortezãos melhor soubessem captar a benevolencia da rainha, a quem a tradição, eccho talvez das vozes espalhadas n'esse tempo, igualmente accusa de haver contribuido para as desordens publicas pela fascinação que exercia no animo do marido, *fascinação para a qual ella teria empregado artes diabolicas, se acreditassemos as lendas das antigas chronicas.*»

A tradição, écco talvez da voz popular, lançava á conta de feiticeria a fascinação exercida por D. Mécia no animo do rei.

Isto por um lado. Por outro lado é geralmente

conhecida «a continua acção e reacção do poder secular contra a classe sacerdotal, e d'esta contra aquelle; combate francamente definido desde o reinado de Sancho I, e que chega á sua phase mais notavel no fim do de Sancho II.»

Quando Luiz XIV mostrou ao marechal de Grammont os versos que tinha feito á La Vallière, e lhe pediu a sua opinião, o marechal, ignorando que eram do rei, respondeu:

—Detestaveis, apenas.

O mesmo respondeu a minha consciencia quando a interroguei sobre estes quatro versos dos *Dois Sanchos:*

Seus olhos tinham philtros magneticos,
Amavios fataes.
Se o amor os aquecia, eram electricos,
Vibrantes, sensuaes.

Não só a rima do primeiro e terceiro versos é imperfeita, mas falta ao primeiro verso uma syllaba, culpa da palavra *magneticos*, cuja pronunciação me enganou o ouvido.

Se este livro chegar a ter segunda edição, emendar-se-ha o defeito.

D. DINIZ (pag. 67)

Graças ao plectro,
Rei trovador.

Transcrevemos, como elucidação ao texto d'esta composição, algumas ligeiras passagens do *Livro das flores,* que em 1874 publicámos em Lisboa.

«Mais talvez poeta por educação, que poeta por vocação, foi todavia el-rei D. Diniz o verdadeiro typo do trovador d'aquellas idades, quer o estudemos nos seus cantares, quer nas suas aventuras amorosas.

«Creado em França, onde seu pae, então conde de Bolonha, longo tempo residira, entregue, desde tenros annos, aos cuidados do erudito Aymerico d'Ebrard, respirara, despidas as faixas infantis, a atmosphera das letras, que maior lustre dão á nobreza dos principes, e que são a nobreza de quem a não tem. Tornado a Portugal, encontrou a lingua portugueza no laborioso periodo da sua emancipação, e, habituado a estimar as letras, procurou e conseguiu nobilital-as na terra que lhe era base do throno. O

seu casamento com a princeza D. Isabel fel-o representar um papel importante na politica da côrte d'Aragão, que dominava em Provença, a patria dos trovadores.

«Subito desperta na alma do rei o sentimento da poesia, e afasta gentilmente o seu manto de crusado para tanger o alaúde dos provençaes, como elle proprio o diz:

Quer'eu em maneyra de Proençal,
Fazer agora um cantar de amor.

«O amor! Nada falta pois na côrte cavalleirosa do rei trovador: ha amor e poesia.

«Para os que vêem nas trovas de D. Diniz a maior condemnação do seu caracter, devem ser attenuantes estas palavras de Caetano Lopes de Moura: «Sempre em seu principio toda a poesia foi amorosa; o amor era pois tudo para a maior parte dos trovadores, e o monarcha portuguez teve de amoldar-se ao gosto do seu seculo...» (*)

Com tal belleza
Tal camponeza,
Dos campos flôr,

(*) Cancioneiro de el-rei D. Diniz. Pag. XIX.

Soprou a chamma...
Que inda se chama
A aldeia—*Amor*.—

A explicação d'esta sextilha está tambem no *Livro das flores*.

«Andava d'amores el-rei com uma camponeza dos arredores de Leiria, e tão enamorado d'ella que só por ella trovava.

«Todas as noites, a deshoras, sahia o real trovador por um corredor escuso do paço, descia cautelosamente a escada e, atravessando as sombras dos campos interpostos ao castello e á cabana, só recolhia ao castello quando a luz da manhã o avisava na cabana.

«Quiz a rainha dissipar a loucura do principe, sem amargurar-lhe o coração nem offender-lhe o animo. Ordenou certa noite que todos os serviçaes do paço se postassem com tochas accesas, em duas extensas filas, ao longo do corredor escuso.

«Ia o rei a sahir, mysterioso como namorado que era, e de subito, e quando já seria desaire retroceder, ficou tomado de profunda surpresa quando os reflexos das luzes lhe bateram nos olhos.

«Indignado, perguntou a um e a todos os serviçaes quem lhes déra tão ousada ordem.

«A rainha, anciosa do desenlace da surpresa, sahiu então a dizer brandamente ao principe:

—«Andaes, senhor, tão cego, que não tive por inutil allumiar-vos o caminho!

«Commoveu-se el-rei de tamanha doçura no reprehender, e prometteu emendar-se.

«Diz a tradição que a promessa foi cumprida; sem embargo, a aldêa da camponeza ficou-se chamando *Aldêa d'amor.*»

D. IGNEZ DE CASTRO (pag. 71)

Esta nota não tem infelizmente por fim fazer mais clara luz sobre a historia de D. Ignez de Castro, tão mal estudada ainda. Em que nos pése, quando defrontamos este assumpto, tudo são trévas lendarias á roda de nós. Os cantores de D. Ignez de Castro têem-se acostado ao que lhes disse Camões, e ao que lhes recorda a tradição oral de Coimbra. Mas isso não basta. A propria individualidade de Ignez apparece bipartida em duas physionomias distinctas se confrontamos as chronicas litterarias com as lendas do povo: os nossos chronistas

chamam-lhe *uma cordeira*, por não dizer uma pomba; mas nas provincias do norte a imaginação popular faz de Ignez de Castro, como de Anna Boleyn *(Anna Bolena)*, um typo de mulher enredadeira e cruel.

Tambem nos não propômos enumerar o muito que, não obstante as incertezas que escurecem o assumpto, se tem escripto de Ignez de Castro; o sr. visconde de Castilho (Julio) escreveu em nota ao seu drama em verso *D. Ignez de Castro* (Rio de Janeiro, 1875) uma curiosa noticia bibliographica, para a qual remettemos o leitor.

Aproveitamos apenas o ensejo para lançar aos ventos da publicidade um alvitre, que só n'um tom muito ligeiro nos permittimos emittir.

Entre os palacios celebres de Azeitão contam-se ainda o das Torres, que foi propriedade dos condes de Murça; o do conde de Povolide, que um incendio reduziu a cinzas quando este fidalgo o habitava, e que depois veiu a pertencer ao conde de Valladares; o dos Cezares, senhores de Sabugosa, que é actualmente de D. Francisco de Sousa; o de Alcube, que pertencia aos Mellos, porteiros-móres, e pertence agora a Joaquim Philippe da Silva; finalmente, o do Salinas, que foi mandado edificar por D. Constança, mulher de D. Pedro I.

A respeito d'este palacio, e da relação que

possa ter com a historia dos tragicos amores de Ignez de Castro, pretenderei deslocar um pouco para o palacio do Salinas a acção d'esse celebre poema de amor e de lagrimas, que até hoje tem tido unicamente por proscenio os salgueiraes do Mondego.

Coimbra vae talvez protestar, a quinta das Lagrimas vae talvez querellar de mim, a fonte dos Amores vae por certo amaldiçoar-me em nome das suas tradições lendarias. Mas que tenha paciencia a cidade, a quinta e a fonte. Quero-lhes muito, mais á sua chronica amorosa, mas nem por isso quero menos ás minhas conjecturas historicas, tendentes a deslocarem para Azeitão uma parte, ainda que seja insignificante, dos amores de Ignez de Castro com o infante D. Pedro.

Em que me fundo eu para fazer taes supposições?

Vou dizel-o. Que o palacio do Salinas pertenceu a D. Constança, não o posso duvidar. Possuo cópia de um documento extrahido do tombo da freguezia de S. Lourenço de Azeitão (vol. I, pag. 19), que seria interessante publicar na integra, mas que, para não enfadar o leitor, apenas extractarei na parte que mais directamente respeita ao assumpto de que estou tratando. Diz assim:

«D. Fernando polla graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves, a vùs Juizes de Cezimbra e a todolas outras minhas justiças que esta carta virdes, saude. Sabede que Antão Gracia, prior de buscas, e provedor dos bens que pertencem ao testamento da Infante *D. Constança,* minha Madre, a que Deos perdôe, me disse que porque na dita villa de Cezimbra não faziam concelho, salvo de oito em oito dias, e ás vezes aos quinze dias os cazeyros, lavradores e foreiros da *minha quinta de Azeitão,* que é na Aldeia Nogueira, termo d'essa villa, a qual pertence ao *testamento da dita minha Madre...* etc.»

Posto isto, que não deixa duvidas quanto a ter sido o palacio do Salinas propriedade da infanta D. Constança, recordemos que fôra outr'ora Azeitão o logar de eleição da melhor nobreza do reino, decerto attrahida porque uma parte da côrte, nada menos que o herdeiro da corôa e a sua casa, ia de preferencia veranear n'aquelles sitios pittorescos, onde o coração amoroso do infante respiraria porventura mais livremente. E que logar tão bem fadado para espairecer tribulações de um coração que, como o de D. Pedro, se via confrangido entre o dever e o amor, entre o ciume da esposa e a formosura da loira Ignez!

Sombras placidas por toda a parte. Festões de verdura engrinaldando as arvores, de campo a campo. Perto, a serra da Arrabida contemplando scismadora o vasto mar, tão predilecto de corações namorados. Ao fundo do horisonte, esboçando-se no azul do ceu como n'uma tela longinqua, Lisboa, e a sua alcáçova moirisca dominando o Tejo, ora limpido como a saphyra, ora revolto como o oceano.

Sabe-se que os amores do infante com a bella castelhana principiaram logo que ella entrou em Portugal fazendo parte da comitiva de D. Constança; sabe-se que esta infeliz princeza adivinhou desde logo, com a sua delicada intuição de mulher e de esposa, a secreta attracção que prendia o coração do marido ao da aia; sabe-se que procurou oppôr uma barreira de escrupulos aos amores, que ella adivinhára, convidando Ignez de Castro para madrinha do infante D. Luiz, que morreu menino.

Sabe-se, pois, quando a paixão do infante começou; sabe-se que D. Constança tinha um palacio seu em Azeitão; que em Azeitão a nobreza de Portugal passeiava de preferencia os seus ocios, edificando, para maior regalo, palacios sumptuosos; sabe-se que n'aquelle tempo a côrte portugueza fluctuava de terra em terra, chegando a hospedar-se em casas particulares,

que não podiam offerecer-lhe tantas commodidades quantas as de uma casa privativa, como a de D. Constança em Azeitão.

Sabido tudo isto, e que Azeitão está apenas a dez kilometros da margem esquerda do Tejo, não me parece que possa ser capitulada como sonho tresloucado de imaginação romantica a supposição de que o infante D. Pedro por ali ensinou, tambem, aos montes e ás hervinhas, o nome que tinha escripto no peito.

Eu bem sei que as filhas do Mondego, que longo tempo memoraram, chorando, a sorte escura de Ignez, vão ficar furiosas contra mim, e que eloquentemente apontam para a fresca fonte que rega as flores, e que chora lagrimas. Bem sei, minhas senhoras, e é certo que tenho por vossas excellencias, e pelo seu poetico papá, o mais profundo respeito; mas podêmos chegar a um accordo, que não prejudica ninguem e que, pelo contrario, a todos deixará satisfeitos. Conviremos em que o quinto acto do drama se passasse ahi, em Coimbra, no Paço ou junto á fonte, mas admittiremos que qualquer dos outros actos, o segundo ou o terceiro, por exemplo, se passasse ali, em Azeitão, onde D. Constança tinha um palacio, como vimos, e onde a nobreza d'estes reinos gostava de estar, gosando o deleitoso do sitio e a amenidade do clima.

Filhas illustres do Mondego, lembrai-vos de que mais vale uma ruim conciliação de que uma boa demanda, e eu estou disposto, firmemente disposto, a pleitear em favor de Azeitão uma parte dos amores de Pedro I com D. Ignez de Castro.

A JARRETEIRA (pag. 79)

Ordem da *liga, garrotea* ou *jarreteira,* instituida em Inglaterra pelo rei Eduardo III.

Conta-se que, durante um baile em Windsor, caíra uma liga á condessa de Salisbury, e que o rei a levantára, dizendo aos cortezãos que motejavam d'esta galanteria de Eduardo: «*Honi soit qui mal y pense.*» Para se vingar dos motejos da côrte, o rei creára uma ordem militar de cavallaria, cujo motto era aquella phrase, e que se compoz originariamente de vinte e cinco cavalleiros, presidida pelo soberano, que os nomeava. Posteriormente foram admittidos cavalleiros supranumerarios. Ás damas foi tambem concedida a honra da *jarreteira.*

Segundo uma noticia historica, respigada na *History of the order of the Garter*, de Ashmole (Londres, 1672), o vestuario primitivo dos cavalleiros da *jarreteira* era um manto, uma tunica, e um capuz, ou capello, á moda do tempo, tudo de côr azul: usando o monarcha a guarnição de pelles d'arminho. Todo o fato era recamado de ligas de ouro e azul, tendo o manto sobre o hombro esquerdo uma liga maior que as outras. Este trajo soffreu alterações com o tempo: Henrique 8.º reformou-o, assim como aos estatutos, e deu aos cavalleiros o collar de que usam. A ultima modificação de vestuario realiasou-se no reinado de Carlos 2.º, adoptando-se então um manto de velludo azul-escuro, com o capello de velludo carmesim, o barrete ou chapeu guarnecido d'uma penna d'abestruz, as meias de seda branca, e a liga, que é de velludo azul-escuro com o motto bordado em lettras d'ouro, posta por debaixo do joelho esquerdo. A venéra é uma medalha d'ouro representando S. Jorge, patrono da ordem, e o dragão, suspensa d'uma fita azul.

D. LEONOR TELLES (pag. 81)

D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, viera á côrte visitar sua irmã D. Maria, que era dama da infanta D. Beatriz, irmã germana do rei. D. Fernando, loucamente enamorado de D. Leonor Telles, tratou de annullar o casamento com João Lourenço da Cunha, que retirou para Castella (onde chasqueavam dos seus *cuernos de oro,* alludindo ao premio que o resignara á deshonra), e só pensou em desposar D. Leonor. Mas o povo de Lisboa, acaudilhado pelo alfaiate Fernam Vasques, protestou energicamente contra o designio do rei, que teve de fugir secretamente com D. Leonor Telles para Santarem.

Todo o primeiro soneto commemora a fuga durante a qual D. Leonor Telles procuraria atiçar com ternos amavios a colera de D. Fernando, para o levar a expedir de Santarem, como aconteceu, ordens severas contra os amotinados, especialmente contra o caudilho, que morreu na forca.

Saciada a vingança, D. Fernando e D. Leonor Telles seguiram para o norte do paiz, realisando-se o casamento em Leça do Balio, arrabalde do Porto.

Veja-se sobre este assumpto o romance de Alexandre Herculano, *Arrhas por fôro de Hespanha*.

O segundo soneto allude ás relações adulterinas de D. Leonor Telles com o conde de Ourem, João Fernandes Andeiro.

Casualmente foram descobertas estas relações.

A côrte estava em Evora, e Fernandes Andeiro havia chegado, com o conde D. Gonçalo, muito suado á camara da rainha. Fazia grande calma, e D. Leonor, rasgando um veu pelo meio, deu metade a seu irmão Gonçalo e a outra metade ao Andeiro, para que se abanassem. D. Gonçalo sahiu, e o Andeiro foi surprehendido por Ignez Affonso, dama de honor e mulher do valído Gonçalo Vasques de Azevedo, aos pés da rainha, a quem dizia maliciosamente: «Senhora, mais chegado e mais usado queria eu de vós o panno, quando m'o houvesseis de dar, que este que me vós daes.» Ignez Affonso contou ao marido o que vira e ouvira, e foi assim que o escandalo principiou a divulgar-se na côrte.

Nos ultimos tempos da vida de D. Fernando, D. Leonor Telles nem sequer procurava disfarçar a traição. Pouco tempo antes da morte do rei, D. Leonor deu á luz um filho do conde Andeiro. Alexandre Herculano chama a D. Leonor Telles a Lucrecia Borgia portugueza.

D. JOÃO I (pag. 85)

Anda ligada á tradição da *sala das pêgas* no paço real de Cintra a anecdota do beijo dado por el-rei D. João I a uma dama da côrte. O *Foi por bem* da legenda é, como se sabe, metade da divisa d'aquelle rei: *Il me plaît pour bien*. O sr. Pinheiro Chagas, referindo-se na sua *Historia de Portugal* ao modo por que Frei Luiz de Sousa procura explicar esta divisa, escreve o seguinte:

«Quanto é superior a todas estas eruditas subtilezas do engenhoso dominicano a graciosa tradição popular, que explica a divisa de D. João I! Diz ella que D. João I em Cintra, passeando com a rainha D. Philippa e as suas damas, se foi desviando um pouco do rancho com uma donzella, por quem tinha alguma predilecção, e a quem furtou um beijo, no momento em que a rainha, voltando-se, o surprehendeu em flagrante. «*Foi por bem*» acudiu o monarcha. Uma pêga, accrescenta não sabemos se a tradição popular, se o poeta (Almeida Garrett) que tão elegantemente a pôz em verso, ouvindo a phrase, repetiu-a logo volteiando em

torno da rainha. Em memoria do caso, se construiu nos paços em Cintra a celebre sala das pêgas, onde innumeras d'estas aves estão pintadas, com a divisa «*Por bem*» a sahir-lhes do bico. A poesia em que Almeida Garrett contou, com a sua inimitavel singeleza, e com o profundo conhecimento que tinha do tom da poesia popular, esta graciosa anecdota, não está incluida (salvo erro) nas suas obras completas, e foi apenas publicada primeiro n'um antigo periodico litterario lisbonense, *Illustração*, de que era redactor principal Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e depois transcripta n'um dos *Almanachs de lembranças*. Foi ahi que a vimos. Começa pela seguinte quadra, que repete no fim:

> Gavião, gavião branco
> Vae correndo, vai voando;
> Mas não diz quem n'o feriu,
> Gavião, gavião branco!»

Da lenda do beijo ha ainda outras versões, mas, como se viu, preferimos a que o sr. Pinheiro Chagas refere.

Ás palavras d'este historiador apenas temos a accrescentar que a graciosa ballada de Garrett, «Gavião, gavião branco» vem publicada

no tomo primeiro do seu *Romanceiro,* com o titulo—**Por bem**—*As pêgas de Cintra.*—Garrett, ao incluir a ballada no *Romanceiro,* havia modificado um pouco a quadra citada pelo sr. Pinheiro Chagas, substituindo a palavra *correndo* pela palavra *ferido.*

E, segundo a sua versão, D. João I não dá á dama um beijo, mas sim uma rosa.

FRANCISCO I (pag. 88)

Francisco I foi um rei aventuroso no amor; galanteador e inconstante. A sua côrte era um alfôbre de bellezas femininas: o proprio rei dissera «Uma côrte sem mulheres é um anno sem primavera, uma primavera sem flores.» Francisco I, segundo o seu ponto de vista, viveu n'uma primavera perpetua. E assim como as flores teem uma rainha, a rosa, na côrte de Francisco I uma mulher avassalava as outras, mas essa mulher não era nunca a esposa do rei.

A duqueza de Etampes foi por muito tempo

a favorita. Alexandre Dumas, pae, no seu romance *Ascanio ou a côrte de Francisco I*, descreve-a assim: «Anna de Pisseleu, duqueza de Etampes, que depois do captiveiro do rei em Hespanha, tinha succedido no seu favor á condessa de Chateaubriand, estava então em todo o fulgor de uma belleza verdadeiramente real. Bem proporcionada de corpo, erguia o collo com graça e dignidade, e sabia affectar uma candura capaz de illudir o mais desconfiado. Nada era mais movel e mais pérfido do que a physionomia d'esta mulher de labios descorados; ora Hermione, ora Galathea, o seu sorriso era ás vezes meigo, outras vezes terrivel; o seu olhar, terno e animador por momentos, tornava-se logo depois flammejante e colerico. Altiva e imperiosa, subjugava Francisco I; soberba e ciumenta, exigira d'elle que pedisse á condessa de Chateaubriand as joias que lhe tinha dado, e a formosa e melancolica condessa, recambiando-as em barra, protestára ao menos contra esta profanação. Finalmente, dissimulada, fechára mais de uma vez os olhos quando, em seus caprichos, o rei parecera distinguir alguma donzella da côrte, que logo abandonava para voltar á sua poderosa e linda feiticeira.»

Faremos uma ligeira observação. Alexandre Dumas affirma que as relações de Francisco I

com a formosa Anna de Pisseleu começaram depois do captiveiro em Hespanha, mas na *Collecção dos documentos inéditos da historia de França* diz o seu illustre coordenador, annotando o seguinte verso do rei: *Et qu'en la fin tu soys bien mariée:* «Esta passagem das poesias do rei parece não dirigir-se, entre as suas amantes, senão a mademoiselle de Heilly de Pisseleu, que era então solteira e ao serviço da duqueza de Angoulême. Mas importaria crêr que as relações intimas de Francisco I com mademoiselle de Pisseleu tinham começado antes do captiveiro do rei e não á sua volta de Hespanha, como se diz geralmente. A grande incerteza que escurece as chronicas galantes do rei pode deixar o campo livre a conjecturas. Francisco I casou em 1536 Anna de Pisseleu, mademoiselle de Heilly, com João de Brosse, e deu-lhe mais tarde o ducado d'Etampes.»

O caracter aventuroso e galante de Francisco I tem sido largamente explorado pelo romance e pelo drama. Victor Hugo, no *Roi s'amuse,* acompanha Francisco I, este bohemio do amor, até á taberna de Saltabadil, onde Maguelonne o embriaga de voluptuosidade, e onde Branca, a filha do bobo Triboulet, cae assassinada salvando com a sua propria vida a do seu voluvel amante, o rei. Este assumpto pas-

sou, *mutatis mutandis*, do drama para a opera: tal é o enredo do *Rigoletto*, de Verdi.

Foi accidentado de grandes luctas politicas o reinado de Francisco I, que tomou sobre os seus hombros a empreza de defender a liberdade da Europa ameaçada por Carlos V. A rivalidade das casas de França e Austria ficou celebre na historia, e sabe-se como Francisco I, o vencedor de Marignan, ficou vencido, por uma imprudencia sua, na batalha de Pavia, em que tudo perdeu, menos a honra, como elle proprio dissera.

Pois não obstante as luctas politicas e os desastres da guerra, Francisco I conservára sempre a alegre mocidade do espirito. Amenisava os ocios do captiveiro compondo canções galantes, impregnadas de um terno culto pela belleza feminina.

Clement Marot, o celebre poeta da côrte de Francisco I, fôra um dos predilectos do rei, a quem acompanhou na batalha de Pavia, onde ficára ferido.

Outra das grandes inclinações do rei era a caça.

Francisco I foi casado com a viuva do rei D. Manuel, de Portugal, irmã de Carlos V. Alexandre Dumas, referindo-se á rainha de França, chama-lhe a boa e virtuosa Leonor, *de quem tão pouco se fallava no mundo e ainda menos na*

còrte. Esta pobre rainha havia sahido de Portugal com o coração dilacerado: sabe-se que, estando para casar com o primogenito de D. Manuel, tivera de desposar o pai em vez do filho,—tal é o assumpto que tratamos na composição XV (pag. 93) *Pai e filho.* Veja o leitor a nota respectiva.

Na côrte de França, D. Leonor d'Austria não foi mais feliz do que na de Portugal. O genio voluvel de seu marido deixava-a na penumbra do esquecimento. O rei gostava de borboletear de conquista em conquista: o seu cathecismo de amor deixou-o Francisco I consubstanciado n'esta quadra, em que accusa a volubilidade das mulheres para defender a sua propria volubilidade:

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie!
Une femme souvent
N'est qu'une plume au vent!

Na poesia popular portugueza ha uma trova que parece calcada sobre este conceito de Francisco I. Diz assim:

A mulher e a inconstancia
Nasceram ambas a par.

Póde julgar-se infeliz
Quem n'ella se confiar.

No *Roi s'amuse,* o famoso Triboulet ataca, n'uma das suas violentas buffonerias, a bossa poetica do rei:

Triboulet

Je ne lis pas de vers de vous.—Des vers de roi
Sont toujours très-mauvais.

Le roi

Drôle!

Triboulet

Que la canaille

Fasse rimer amour et jour vaille que vaille.
Mais près de la beauté gardez vos lots divers,
Sire, faites l'amour, Marot fera les vers.

Faites l'amour, aconselhava o bobo ao rei. Francisco I pouco mais fez do que isso, e até quando não amava sentia as consequencias de haver amado...

Uma das mulheres que o enfeitiçaram é conhecida na historia sob a designação de *La belle Ferronière.*

Quem esta mulher fosse ao certo, não se sabe.

Suppõe-n'a uns hespanhola, e n'esse caso teria ido para França bandeada n'uma *troupe* de aventureiros que acompanharam o rei depois do seu captiveiro.

Presumem outros que houvesse sido mulher de um rico *ferreiro*.

E ainda suspeitam outros que tivesse casado com um burguez de appellido Ferron.

Como quer que fosse, o marido soube das relações da mulher com o rei, e jurou vingar-se por um extranho processo: communicando-lhe uma doença terrivel, que ella devia transmittir ao rei.

Sobre esta tradição architectou Albert Blanquet o seu interessante romance—*La belle Ferronière.*

Francisco I não poude curar-se nunca radicalmente; morreu syphilisado como Luiz XV.

Faites l'amour... Mas se não ha rosa sem espinhos!...

JOANNA A DOUDA (pag. 91)

Joanna, a douda, filha de Fernando, o catho-

lico, e de Isabel, foi casada com Philippe, archiduque de Austria, e mãe de Carlos V.

Amára ternamente seu marido, e, por não se julgar correspondida, cahira n'uma profunda melancolia, que degenerou em loucura.

Succedendo no throno conjunctamente com seu marido, elle pensava em fazer reconhecer a interdicção da pobre rainha, quando a morte o surprehendeu na flôr dos annos.

A paixão de Joanna recrudescêra com a morte de Philippe.

Conservou insepulto o cadaver do marido, e não só se deleitava contemplando-o e afagando-o, mas tambem o conduzia por todo o reino com grande luzimento de repetidos funeraes, levando a loucura do ciume até ao ponto de não consentir que as mulheres assistissem aos officios.

Um notavel quadro de Pradilla, existente no muzeu de Madrid, representa uma das paragens do cortejo funebre.

Joanna morreu em Tordessillas em 1555, tendo 75 annos de idade.

A sua loucura tem sido reproduzida no romance e no drama,—no drama, principalmente, que foi uma das corôas de gloria de Emilia das Neves.

PAI E FILHO (pag. 93)

D. Manuel tomou para si, como terceira mulher, a noiva que tinha mandado escolher para o principe herdeiro D. João.

A diplomacia teve artes de substituir habilmente o pai ao filho na negociação do casamento.

Que o coração de D. João III ficou sempre aggravado por esta magua, é fóra de duvida. Vê-se claramente de documentos historicos que, a partir d'esse momento, pai e filho viveram intimamente distanciados, começando D. Manuel a tratar melhor o infante D. Luiz, e chegando até a mandar sahir da côrte Luiz da Silveira, conselheiro do principe D. João, por tomar, n'esta questão, o partido do principe. (*)

Frei Luiz de Sousa é de todos os chronistas o mais explicito na apreciação d'este episodio. «Sobre estas razões, diz elle, que todas obrigavam ao principe a maguar-se pelo que tocava ao povo, e á reputação de quem o gerára: acudiam a lhe fazer guerra as do interesse proprio: que eram tomar-se-lhe a dama que já em espirito era sua, e querer seu pai para si em se-

---

(*) *Chronica de el-rei D. João III*, cap. VI.

gredo, e como a furto, a mesma mulher, que para elle tinha muitas vezes publicamente pedido. Ajuntava-se representar-lhe o entendimento, e a idade de dezeseis annos mal soffrida já e ardente para semelhantes materias, que o mesmo pai confessava culpa no segredo que com elle usára em tamanha resolução. E todavia devemos-lhe muito louvor, porque sabendo sentir, nunca por palavra nem obra, mostrou a seu pai signal de resentimento nem desgosto.»

Quer-nos parecer que foi desde este incidente que o caracter de D João III se costumou a ser concentrado e recolhido.

Comtudo não era difficil perceber que, sob uma apparencia gelada e respeitosa, ardia no coração de D. João III uma paixão dominadora por sua madrasta. Morto D. Manuel, e esmagado o reino por varias calamidades, uma das quaes foi a fome que se fez sentir de 1521 para 1522, todo o paiz aproveitou o ensejo para, allegando razões de ordem economica, aconselhar o rei a que desposasse a viuva de seu pai, guiando-o assim para a realisação de um ideal que suppunha elle almejaria. Mas o caracter do jovem principe havia endurecido bastante para não ceder ás proprias fraquezas: o rei resistiu. Iguaes solicitações foram feitas junto da rainha D. Leonor, a qual, mais fraca do que

o seu enteado, respondeu com palavras vagas, que perfeitamente se podiam traduzir pela affirmativa.

D. João III estava empenhado n'uma lucta terrivel comsigo mesmo: de um lado, o seu orgulho offendido; do outro, o seu amor ainda não apagado. Por um lado, procurava tirar de sua madrasta uma vingança cruel, denegando-lhe licença para levar sua filha, a infanta D. Maria, para Castella, contrariando d'este modo as reclamações que Carlos V lhe fazia, para que deixasse sahir tanto a mãe como a filha; por outro lado, cedia ao impulso do coração, visitava a miude sua madrasta, e partindo do Barreiro para Almeirim, attraía-a pelo caminho que elle proprio seguia, chegando a rainha viuva a Mugem, onde o embaixador de Castella, Christovam Barroso, lhe tomou o passo, allegando que essa jornada, no rastro do rei, seria escandalosa.

D. Leonor d'Austria julgou-se offendida com a advertencia do embaixador castelhano, e queixou-se a Carlos V, seu irmão, o qual, para salvaguardar a honra da rainha viuva, mandou retirar de Portugal Christovam Barroso.

Chegou mesmo a inventar-se certa versão para attenuar a má impressão do procedimento de Barroso, quando se dirigiu a Mugem, im-

pedindo que a viuva de D. Manuel fosse até Almeirim atraz de seu enteado. Contára-se que o embaixador, certo dia, pozera o chapeu na cabeça na ante-camara do rei, pelo que fôra reprehendido pelo porteiro-mór, e que d'esse dia e d'esse facto proviéra o seu mau humor contra Portugal. Como se vê, esta versão não prima pela verosimilhança.

Nós ligamos grande importancia, repetimol-o, áquelle episodio da vida de D. João III, como tendo uma forte acção sobre a constituição do seu caracter individual. O facto produziu tamanha impressão em todo o paiz, que, ainda annos depois, inspirava a Camões o auto de *El-rei Seleuco,* em que o principe Antiocho se apaixona pela madrasta. Frolalta, aia da rainha, mostra a sua ama um papel, que o principe deixára cahir, e que diz assim:

«Oh estranha pena fera!
Desditosa vida cara!
Oh quem nunca cá viera,
E com seu Pai não casára,
Ou em casando morrêra!

FROLALTA: Ainda que eu pêca são,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleição

O que lhe pede o desejo
Não consente o coração.

RAINHA: Frolalta, pois que és discreta
Nada te posso encubrir;
Porque, se queres sentir,
A huma mulher descreta
Tudo se ha de descobrir.
O dia que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo n'esse mesmo dia
Do principe filho vi
Os olhos com que me via.
Este principio soffri-lh'o,
Para ver se se mudava;
Antes mais se accrescentava:
Eu amava-o como filho,
E elle d'outr'arte me amava.
Agora vejo-o no fim
Por se me não declarar.
E pois já que a isso vim,
A morte que o levar,
Me leve tambem a mim.
Porque já que a minha sorte
Foi tão crua e desabrida,
Que me não quer dar sahida;
Sejamos juntos na morte,
Pois o não sômos na vida.

Oh quem me mandou casar,
Para vêr tal crueldade!
Ninguem venda a liberdade,
Pois não póde resgatar
Onde não tem a vontade.
Que não ha mór desvario,
Que o forçado casamento
Por alcançar alto assento;
Que, enfim, todo o senhorio,
Está no contentamento.
Não sei se o vá vêr agora,
Se será tempo conforme,
Ou se imos a deshora.»

A ENCANTADORA GABRIELLA

(pag. 99)

Henrique IV de França foi educado na religião reformada. Para escapar á carnificina da Saint-Barthélemy fez-se catholico, mas, conjurado o perigo, poz-se em 1576 á frente do partido huguenote.

Apesar da sua coragem e fina tactica, os *li-*

gueurs apenas lhe abriram as portas de Pariz quando o rei abjurou publicamente o calvinismo em 1593.

Uma tradição diz que fôra Gabriella d'Estrées, sua amante, que levára Henrique IV a fazer-se catholico a fim de ella poder obter do papa, como compensação, uma bulla que annullasse o casamento do rei com Margarida de Valois. E' possivel que pelo espirito de Gabriella d'Estrées passasse a ideia de vir a ser rainha de França; mas se assim foi, a morte tolheu o seu audacioso plano: Gabriella falleceu repentinamente, depois de ter comido uma laranja que se supõe envenenada, em abril de 1599. E' porém muito provavel que o rei, obrigado a abjurar pela tenaz resistencia dos chefes da Liga, quizesse fazer acreditar por galanteria a Gabriella que só o amor o tinha arrastado á abjuração. Assim o entendeu A. Maquet no seu romance *Os amores de Henrique IV*, no capitulo em que o rei, louco de amor, procura render Gabriella aos seus desejos, e em que ella se entrincheira na clausula de que o rei ha de abjurar primeiro. O rei cede ou finge ceder, e Maquet observa: «Ah! se ella soubesse que uma hora antes, o mesmo artigo, o mesmo contracto abrira as portas de Pariz a Henrique IV!...»

Gabriella d'Estrées, se não expirou rainha de França, morreu comtudo marqueza de Monceaux e duqueza de Beaufort.

Henrique IV amou-a tão ternamente, que por muito tempo se lhe attribuiu a paternidade de uma canção que se tornou popular em França: *Encantadora Gabriella*. Sabe-se porém que a letra da canção foi composta por Jean Berton, secretario do rei, e a musica por Decaurron.

Na *Musa das revoluções* démos uma desprimorosa traducção d'esta canção trovadoresca, que se converteu em hymno politico da monarchia.

Diz assim:

Encantadora Gabriella,
Quando amante o peito bate,
E' que a gloria por mim chama
A' guerra, á lucta, ao combate.
    Soou a funesta hora
    De partir, louco de dôr.
    Quizera morrer agora
    Ou não sentir tanto amor.

Do amor no immenso exercito,
Só por ver-te e por amar-te,

Fui capitão valoroso,
Cobriu-me o seu estandarte.
Soou a funesta hora, etc.

Quando o teu nome famoso
Sobre o meu pendão fulgia,
Inda para além do Ebro
De mim a Hespanha tremia.
Soou a funesta hora, etc.

Não pude ainda na guerra
Mais do que um reino ganhar.
Mas, bella, na terra inteira
Devem teus olhos reinar.
Soou a funesta hora, etc.

Bipartida a minha c'rôa,
O premio do meu valor,
Seja a minha do guerreiro,
Seja a tua a do amor.
Soou a funesta hora
De partir, louco de dôr.
E' muito curta uma vida
Para amar com tanto amor.

Bello astro, adeus, eu parto.
Saudades que vou soffrer

Levantam-me ondas no peito:
Tornar a ver-te ou morrer.
    Soou a funesta hora, etc.

Quero que as minhas trombetas
E até os éccos dos ceus
Repitam, de instante a instante,
Este doce e triste adeus.
    Soou a funesta hora, etc.

Henrique IV, não obstante ter sido um rei que felicitou a França, morreu assassinado por o fanatico Ravaillac a 14 de maio de 1610. *A historia da morte de Henrique o Grande,* que lêmos na versão castelhana de Juan Pablo Martyr Rizo, descreve minudenciosamente os pormenores do regicidio.

D. JOÃO IV (pag. 103)

O conde era o de Villa Nova de Portimão, D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco.

No *Prefacio biographico* com que Camillo

Castello Branco abre a edição da *Carta de guia de casados*, de D. Francisco Manuel, publicada no Porto em 1873, vem minuciosamente referida a historia dos amores de D. Marianna d'Alencastre, a terceira condessa, com o rei D. João IV, de quem D. Francisco Manuel de Mello fôra rival.

Remettemos o leitor para esse interessante estudo historico, laboriosamente coordenado, e enriquecido de documentos inéditos.

Pela segunda vez pômos mão n'este assumpto.

No livro *Homens e datas*, estampado no Porto em 1875, incluimos o conto intitulado *Aventuras d'um escriptor portuguez*, que transcrevemos como nota explicativa.

Aventuras d'um escriptor portuguez

I

Encontraram-se ao *Arco da Consolação*, chamado tambem *Porta de ferro*, como quem diz entre a porta principal da sé ulysiponense e a igreja de Santo Antonio, ao cerrar-se uma formosa noite do anno de 1641, dous palafreneiros do conde de Villa-Nova de Portimão, D. Gre-

gorio de Castello Branco, guarda-mór da pessoa d'el-rei D. João IV e gentil-homem da camara do principe D. Theodosio.

Não ficava longe o palacio do conde. O Limoeiro era a dous passos do arco da Consolação, e o palacio no pateo das Columnas, a dous passos do Limoeiro. O edificio ruiu. N'aquelle terreno, denominado hoje Portas do Sol, edificou depois o secretario da regencia de 1807, Salter de Mendonça, a sua vivenda, que ainda hoje subsiste.

Estavam perto de casa, como se vê, os dous palafreneiros, mas não tão perto que receassem demorar-se a conversar, na sombra discreta do arco, sobre negocios domesticos do fidalgo que serviam. São thema e teima de criados a vida e costumes dos amos, sempre que podem desemperrar a lingua, amordaçada, de portas a dentro, pelo respeito e pelo medo.

Um d'elles descia para a baixa; o outro recolhia ao palacio.

Pararam e taramelaram.

—Já recolhes?—perguntou o que descia.

—Eu já... que vão sendo horas do que tu sabes.

—E' verdade. Eu tenho a mesma obrigação ámanhã... Mas tu estás de melhor partido. Sempre é bom servir a gente a quem os outros servem...

—Cala-te, que nos podem ouvir.

—E que monta isso? Toda a gente o sabe...

—Lá isso é verdade!

—O' Lourenço, olha que o nosso amo tem sido bem infeliz com as mulheres!

—Se tem! A sobrinha, se não prega com ella no mosteiro de Sant'Anna, dava com elle doudo. Que raça de condessa era a tal D. Brazia! Meu pai conheceu-a ainda solteira. Era filha do conde da Sortelha...

—A dizer a verdade para que se casou o nosso amo com uma sobrinha?

—Para viver com ella dous annos, tão sómente. Tambem se não fosse o pagem mexericar...

—Cruzes! Aquelle Francisco Cardoso—disse o palafreneiro baixando cautelosamente a voz —não é pagem, é o diabo!

—Pois olha que me bacoreja o coração que tambem elle as ha-de armar para si... A tal snr.ª Catharininha d'Enxobregas é casada com ruim inimigo. O Marcos Ribeiro não é para graças. Em elle sabendo que a mulher recebe o pagem do snr. conde, prega com elle na eternidade.

—E olha que pouco se perde.

—Nada. Tem má cara. A mim faz-me lembrar Satanaz. Elle é que tem feito todos os infernos lá em casa. Bem sabes que foi elle que

denunciou a nosso amo a segunda mulher, a D. Guiomar da Silva. Que a bem dizer ellas innocentes não estavam, nem uma nem outra. Mas era melhor occultar a verdade, que ter de andar o snr. conde escondido por Castella.

—Que lá envenenada foi...

Isto foi dito com o maior resguardo possivel, e com a certeza de que não se aproximava ninguem.

—Foi. E nosso amo estava em maus lençoes com o conde de Odemira, que era doudo pela filha...

—Pois olha que nem por isso aprendeu nosso amo. Metteu-se em terceira alhada, e já se podia deixar d'isso, que lhe vão pesando os annos. A snr.ª D. Marianna ainda é peor do que as outras. Tem sido uma ventoinha, e não se contenta com nenhum jam-ninguem...

—Has-de ter grande razão de queixa...

—El-rei é generoso, mas, como de noite todos os gatos são pardos e el-rei não traz letreiro, póde-me um dia levar o diabo, quando lhe abro a porta...

—Que eu estou em dizer que a snr.ª condessa gosta mais do Mello que d'el-rei.

—O Mello ama-a, lá isso é verdade, mas el-rei é el-rei e o Mello é o Mello. El-rei não tem só uma fidalga em que pensar, e o Mello

não cuida agora senão da snr.ª condessa. Zela-a, como se fôra marido. Isso é verdade... Sabes tu que mais? Se não fosse a noite d'el-rei, iamos beber ambos uma pinga á taverna do *Caprisco*.

—Lá isso ainda póde ser, que ha tempo. Eu sahi hoje mais cedo e deixei a porta encostada. Tu pódes entrar sem que ninguem te sinta. El-rei, a esta hora, está ceiando nos Paços da Ribeira. Vamos lá, que temos tempo...

Os palafreneiros do conde de Villa-Nova de Portimão desceram ambos ao caes do Tejo, caminho da taverna do *Caprisco,* muito conhecida e frequentada n'esse tempo.

II

A condessa, n'essa noite, como dissera o palafreneiro confidente, esperava el-rei.

A esposa do gentil-homem da camara do principe D. Theodosio como que tinha ainda nos olhos a esplendida visão da convocação solemne dos tres estados, que se realisára a 20 de janeiro nos Paços da Ribeira e, deslumbrada da faustosa grandeza da côrte n'essa imponente ceremonia, orgulhava-se de que el-rei se di-

gnasse enviar-lhe um sorriso disfarçado, mas expressivo, ao atravessar para a sala do throno no meio do luzido cortejo que o acompanhava.

N'esse dia o monarcha escolhido pelo povo portuguez trajava umas galas realengas muito para darem na vista de fidalgas levianas, e muito ao avêsso do seu trajar habitual, que era de estamenha. N'esse dia, em verdade, transformára-se completamente o principe que devia censurar o seu trinchante-mór por se apresentar no paço com um gibão guarnecido de rendilha de prata e que, declarando guerra a quaesquer adornos masculinos, ainda que fossem naturaes, ordenára a seus vassalos que mondassem os cabellos, tão sómente para imital-o. Contra esta arbitraria medida, diga-se de passagem, se insurreccionou o conde de Villa Flôr, que respondeu a el-rei:

—Senhor, não é justo que eu tosquie os meus cabellos, pois que me cresceram em Flandres e no Brazil entre a polvora e a bala.

Mas D. João IV fôra outro homem no dia da solemne convocação dos tres estados.

Trajava de pardo com bordaduras de ouro e botões de rubins; collar e cruz de riquissimas joias; opa roçagante de brocado forrada de tela branca estrellejada de flores de prata e ouro.

Ao lado d'el-rei ia o principe D. Theodosio

vestido de tela branca com ferragoulo de gorgorão preto, acolchetado com passamanes de ouro, chapéo com cintilho de diamantes e plumas de martinetes. Acrescente-se agora a tão galhardo espectaculo, o deslumbrante effeito do numeroso e auriluzente cortejo.

Na frente, os reis d'armas, arautos, passavantes e porteiros da cana, que, armados com suas massas de prata, attenciosamente affastavam, para abrir caminho, as fidalgas que esperavam anciosas a passagem d'el-rei para a sala do throno.

Em seguida, o longo prestito dos condes e officiaes-móres da casa real com os distinctivos de seus cargos.

D. Marianna d'Alencastre, condessa de Villa Nova de Portimão, viu n'este enxame de fidalgos o marido, que era, como sabemos, guarda-mór da pessoa d'el-rei e gentil-homem da camara do principe, e desviou subitamente a vista, porque, consoante o programma, depois do marquez de Villa Real, do duque de Caminha e dos marquezes de Gouvêa e Ferreira, esperava el-rei.

Ao mesmo tempo rompeu enthusiasticamente a musica dos menestreis, das charamellas, das trombetas e atabales.

Tudo isto, que já não seria pouco para endoudecer cabeças inflammaveis, e o sorriso real,

cuja interpretação o leitor facilmente attinge, e o vêr-se para dentro a sala grande vestida de ricas tapeçarias de pannos de raz e o docel coberto de velludo carmezim franjado d'ouro, tudo isto, diziamos, fez com que a condessa de Villa Nova de Portimão rememorasse com ardor os esplendores da festa a despeito dos ciumes com que o cavalheiro Mello avultava a suspeita da concorrencia d'um rival perigoso.

Que nos importa saber desde já quem era o desconfiado comborço do rei de Portugal? Homem qualificado devia ser para privar com fidalgos. E era. Seguira desde a mocidade a carreira militar. Em Hespanha fizera as suas primeiras armas e, como quer que n'aquelle tempo as armas não damnificassem as letras, sobre ser destemido e gentil, era trovador dos mais distinctos e considerados.

Quando em 1640 voltou á patria, galanteára a terceira condessa de Villa Nova de Portimão, e para logo conheceu que D. Marianna d'Alencastre se inspirava nos pouco edificantes exemplos das duas condessas suas antecessoras. D'aqui a subornar um dos palafreneiros do conde, que de noite o introduzia no pateo do palacio, não medeou muito tempo, mas como este talento do palafreneiro não fosse privativo de sua pessoa, appareceu outro palafreneiro igualmente

talentoso, e era esta identidade de vocações illicitas que os tinha reunidos, áquella hora da noite, na taverna do *Caprisco,* no cáes do Tejo.

III

Beberam á tripa forra os dous criados de D. Gregorio de Castello Branco. Sem embargo, o que tinha de introduzir n'essa noite o real amante não avinhou as entranhas a ponto de perder a memoria do que lhe cumpria fazer. Sobre estar costumado a copiosas libações, não eram a ganancia da commissão e a alta pessoa do commitente circumstancias que um palafreneiro afogasse facilmente n'uma taça de vinho, por maior que fosse o bojo da taça, e o seu.

—Vamos lá—disse elle ao outro, piscando gaiatamente os olhos.—Que bem disposto que eu estou agora para receber el-rei pela portinha do lado! Tambem os reis, quando se trata d'amores, são uns homens da mesma fôrma que nós. Deixaste cerrado o portão, que é tão largo que caberia por elle o coche rico com que Thomé de Sousa presenteou el-rei, e el-rei nem a *pé* quer entrar pelo portão, para não ser visto das cavallariças!

—E' verdade!—obtemperou o outro.—O mesmo acontece ao Mello, que não é rei, mas esse, se eu lhe não abrisse a porta secreta, era capaz de saltar pela janella... Destemido até alli...

—E generoso?...—perguntou com malicia o que estava vezado á munificencia real.

—Ainda me não fez—respondeu ironicamente o aggredido—moço de estribeira nem homem do guarda-reposte.—Essa honra é para ti, que já estás no paço...

—Então paga-te com versos?

—Versos dizem que os faz elle ás damas. Se prestam, é lá com ellas, que lh'os acceitam. O que te posso dizer é que o seu dinheiro presta, porque m'o tens bebido muita vez...

Jogando-se estas vaias de calão taberneiro, atravessaram os dous criados do conde o *arco da Consolação,* sem se descobrirem á imagem de Nossa Senhora, que encimava o arco e á qual a irmandade da Misericordia, sempre que havia padecente, mandava dizer missa, para o criminoso a ouvir, entre a sahida do carcere, que era no castello, e a chegada ao logar do supplicio, ahi por S. João da Praça.

Dera-lhes o vinho, como temos visto, um humor impertinente, que, supposto que elles costumassem reverenciar oratorios, os fazia cahir em involuntaria impiedade.

Passaram ao Limoeiro, e breve se avisinharam do palacio do conde.

O portão, que ficára cerrado, estava entreaberto.

—Olá!—segredou o palafraneiro que tinha deixado a porta encostada—parece que entrou ou sahiu alguem!

—Queira Deus—respondeu discretamente o outro—que não fosse o pagem, que sahisse a visitar a Catharina d'Enxobregas, e que venha dar commigo a abrir a porta secreta...

—Pelo sim pelo não, fecho, que dizes? Quem vier que bata.

—Está bem de vêr. Batendo alguem, já se sabe que tu a tinhas fechado...

—Com verdade?

—Com a verdade de termos estado a beber na taverna do *Caprisco*. Anda lá, homem, fecha, e avia-te.

Entraram ambos, e de manso correram os ferrolhos do portão.

O pateo estava escuro; só em frente das cavallariças luzia um fraco reflexo de lanterna.

Os restantes criados jogatinavam a um canto da cocheira encobertos pela sombria massa d'uma *carroça,* especie de carruagem assim denominada, e em que os condes de Villa-Nova de Portimão haviam concorrido á vistosa en-

trada de D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, quando a 25 de dezembro de 1640 desembarcou no Terreiro do Paço, e subiu para um coche seguido d'outros muitos com a flôr da nobreza portugueza.

IV

Entretanto que os dous criados do conde estiveram beberricando na taverna do *Caprisco,* o ciumento Mello andou rodeando o palacio e cuidou vêr assomar a uma janella, como quem espreitava curiosamente, a formosa condessa. Accendeu-se-lhe no peito um vulcão amoroso. Suspeitou da intenção da condessa, por isso que n'essa noite lhe não concedera entrevista. Cosendo-se com o portão, conheceu que não estava fechado. Impelliu-o brandamente; a porta cedeu. Entrou ao pateo, e foi-se acantoar n'um desvão sombrio ao sopé da escadaria.

Quando ouviu segredar os dous palafreneiros, levou a mão á espada no presupposto de que entrasse um rival prudentemente acompanhado. Pouco lhe importava a desproporção do combate. O que queria era desmascarar e vencer o homem que concorria com elle ao coração da

condessa. Como visse encaminharem-se os dous vultos á cavallariça, serenou, e lembrou-se de que seriam criados. Pouco tempo decorrido, viu sahir da cavallariça um vulto e aproximar-se da porta secreta, por onde elle mesmo costumava entrar. Então é que uma onda de sangue lhe subiu ao cerebro. Não era elle o unico a passar aquelle Rubicon mysterioso; havia dous Cesares.

Andou o vulto passeando em frente da portinha, até que de fóra bateram com discrição. O vulto parou, e abriu. Entrou alguem. O desvairado Mello levou a mão aos copos da espada. Os dois homens, o que entrára e o que abrira, seguiram até á borda da escada, de modo que o emboscado Mello, hesitando entre aggredir um ou outro, por não os poder distinguir, esperou alguns momentos.

Um dos homens subira a escada; o outro, como se até alli o houvera acompanhado por mera cortezia, retrocedeu, e fechou sobre si a porta da cavallariça.

Mal que voltou as costas, sahiu Mello do seu escondrijo e subiu seis degraus no encalço do rival, que se voltou, sentindo passos, e rapidamente desembainhou a espada.

Mello, já em guarda, mediu-o com um ligeiro olhar.

Devia ser um homem forte: d'estatura mean, posto que entroncado, e largo de espaduas.

— Quem é? — perguntou Mello altivamente.

O desconhecido respondeu esgrimindo, sem articular palavra.

Foi breve mas violenta a lucta.

Ao tinir das armas, acudiu sobresaltada a condessa, e os dous contendores, vendo-se presentidos, fugiram precipitadamente a tempo que se abria a porta da cavallariça e sahiam os palafraneiros, cujo demorado auxilio se explica pelo receio de se verem envolvidos em acontecimentos que irritariam o amo, quando os soubesse.

Dous d'elles, os que vieram juntos da taverna do *Caprisco*, cochicharam com disfarce:

— Bem te dizia eu que tinha entrado alguem...

— Seria o pagem?

— Se não foi o pagem, era o Mello. Em boa se viu el-rei, não ha duvida! Quem quer que o acommetteu, ensinou-o a sahir depressa pela porta secreta... Mas se el-rei cuida que foi traição?

— Não póde cuidar. El-rei bem sabe que em casa de nosso amo ha muitos criados para abrirem as portas, e outros para as deixarem cerradas quando vão refrescar ao *Caprisco*...

— Maroto! Tens razão. El-rei tambem não se ha-de querer denunciar por minha causa...

Os outros criados perguntavam com sorriso zombeteiro o que tinha acontecido.

— Fosse o que fosse—dissera um dos dous— se Francisco Cardoso nada perguntar, nada se lhe diz.

— Está bem de vêr!

— Podera. Os diabos o levem para as profundas do inferno!

V

Francisco Cardoso, o pagem, nada perguntou, porque viu tudo, e foi delatar ao amo a leviandade da condessa, que se deixava galantear ao mesmo tempo por dous brigões nocturnos, tão ousados que se não arreceavam d'esgrimir dentro do pateo do palacio.

Os nervos do conde tiveram vibrações catalepticas, e Francisco Cardoso soccorreu-o com hypocrita compaixão. Mal que teve um instante de lucidez attribulada, D. Gregorio de Castello Branco premiou ao pagem a denuncia e a caridade nomeando-o seu mordomo, o que sobre ser premio era incentivo para encanzinal-o na espionagem.

Sahiu Francisco Cardoso delirante d'alegria

a comprar na então estreitissima rua da Prata —que no tempo de D. Affonso VI se alargou —um collar com que á noite podesse festejar, nos braços de Catharina d'Enxobregas, a subita melhoria de posição.

Entrementes D. Gregorio chamava a condessa e intimidava-a com o triste fim da sua antecessora, se ella insistisse em receber o espadachim que lhe tingira as escadas com nodoas de sangue, e grande escandalo dos criados.

A condessa certamente se commoveu, e chorou aquellas lagrimas, que nos crocodilos são fabula e nas mulheres realidade.

Todavia, reflectindo, achou que a insistencia seria de todo o ponto desarrazoada, porque era nova, bella e gentil, e a peçonha purificadora de adulterios por igual damnosa ás formosas desleaes, como ás horrendas desvergonhadas.

Avisou, pois, o garboso Mello da denuncia do pagem e da ameaça do conde, e tão edificada ficou que se foi a um rouxinol, que lhe accendia a imaginação em languidos sonhos de poesia, e o matou.

Porque matou a condessa o rouxinol?

Porque o proprio seu amante lhe disséra uma vez—como mais tarde havia d'escrevel-o—que o canto do rouxinol desperta saudades; e de que serviam saudades estando elle presente?

A condessa lembrou-se do dito, e applicou-o ao marido. Para que havia o rouxinol de cantar saudades, estando o conde em casa?

Annos depois d'estes acontecimentos, quando o amante de D. Marianna escrevia o seu pensamento, tambem se lembrava certamente do conde, porque dizia: «Vou estando tão impertinente, que nem passaros hei-de deixar. Ruysenhol de todo o anno, que canta de noite, e dizem logo que faz saudades, de que serve? De que servem saudades estando o marido em casa?»

A experiencia é uma triste lição!

Quem se não lembrou de matar o rouxinol foi a Catharina d'Enxobregas, porque o rouxinol lhe cantava saudades, quando Francisco Cardoso se demorava com as offerendas de collares, e outros objectos valiosos comprados na rua da Prata.

Marcos Ribeiro, marido de Catharina, tanto ouviu o rouxinol, que teve suspeitas da deslealdade da esposa e, de averiguação em averiguação, chegou a saber que ella o trahia, e que o amante era Francisco Cardoso, outr'ora pagem e agora mordomo da casa do conde de Villa-Nova de Portimão.

Sem embargo de ser Marcos Ribeiro arrendatario dos fóros d'esta illustre casa, e de ter

frequentes relações com o conde, que estimava o mordomo, antepoz a sua honra a interesses e considerações, e peitou tres criados que mataram a ferro Francisco Cardoso.

Participou D. Gregorio de Castello Branco o cruento acontecimento a el-rei, que, como o leitor certamente já sabe tão bem como eu, era o cavalheiro embuçado que esgrimira com o Mello no pateo do palacio, e que o reconhecera sem ser reconhecido, quando Mello pretendia desmascarar o seu rival e lhe perguntára como se chamava.

Acresce que fôra Francisco Cardoso o delator dos amores da condessa e, portanto, o conde, que não sabia da concorrencia d'el-rei porque o pagem lh'a occultára provavelmente por medo, attribuiu a morte do amante de Catharina d'Enxobregas a vingança do amante de sua mulher.

Foi preso e processado o Mello, e encarcerado na Torre Velha de Lisboa, d'onde seguiu para o desterro.

Não obstante, D. Gregorio de Castello Branco, receoso de que a remoção do Mello não fosse a remoção do perigo, envenenou a condessa e fez voto de não casar quarta vez. Diga-se em abono da verdade que não quebrantou o voto, porque os desvarios de Helena da Cunha, sua

criada, de quem depois houve um filho, não revertiam directamente em deshonra do conde.

Já é tempo de se tirar inteiramente a limpo quem fosse este Mello, tão arrojado amante como desditoso em suas aventuras amorosas. Foi um dos mais illustres, elegantes e espirituosos escriptores que em Portugal tem havido.

Chamava-se D. Francisco Manoel de Mello, author de numerosos livros, uns escriptos em portuguez, outros em castelhano, que lhe conquistaram immortal renome.

O leitor se já abriu alguma vez a *Carta de guia de casados,* lá encontrou seguramente aquelle periodo allusivo ao indiscreto rouxinol das saudades, e se a edição acertou de ser a feita, em 1873, no Porto, por Camillo Castello Branco, achou averiguadas no prefacio do illustre editor estas importantes minudencias da biographia de Mello, que estão requerendo moldura condigna, e tela de romance onde avultem.

Lisboa, agosto de 1874.

LUIZ XIV (pag. 107)

Luiz XIV, *Le roi soleil*, perlustrou triumphalmente um longo zodiaco amoroso, deixando a perder de vista o proprio sol, que se contenta com doze signos apenas!

Estreiou-se no amor, ao alvorecer da vida, fazendo a côrte a madame de Frontenac. Depois borboleteou para a duqueza de Chantillon, concorrendo com o duque de Nemours e o grande Condé. Mariposa inquieta e voluvel, *flanou* um pouco em torno de mademoiselle d'Heudecourt, sem todavia deixar de ser fragil com a sua propria *instructice,* madame Beauvais, que, segundo o testemunho de Saint-Simon, era velha e zanaga!

Todas estas creancices do coração do jovem Luiz XIV foram o prologo indeciso de uma verdadeira paixão de adolescente, que lhe inspirára Olympia Mancini, sobrinha do cardeal Mazarino.

Em todas as festas da côrte, nos bailes e no *carrousel,* o rei revelava-se por tal modo enamorado da bella Olympia, que acabou por expôr-se aos golpes da musa satyrica de Loret. Durou dois annos esta paixão, até que Olympia Mancini casou com o principe Eugenio, conde de

Soissons. O rei não sentiu muito o casamento de Olympia, porque a esse tempo já a sua attenção estava voltada para mademoiselle de la Motte d'Argencourt, *fille d'honneur* da rainha mãe.

O cardeal Mazarino tinha ainda mais duas sobrinhas para metter á cara do rei, irmãs da outra; eram Hortencia e Maria Mancini. O rei parecia preferir Maria a Hortencia. E o cardeal, para fazer esquecer a Luiz XIV mademoiselle de la Motte, que teve de recolher-se ás *Filles de Sainte Marie* de Chaillot, procurou distrair o rei com uma jardineira, que lhe deu uma filha. Esquecido de mademoiselle de la Motte, e saciado da jardineira, o rei adolescente voltou-se então, como o cardeal esperava, para Maria Mancini.

Esta nova paixão de Luiz XIV parecia ainda mais intensa do que aquella que elle havia experimentado por Olympia, irmã de Maria.

A rainha mãe inquietou-se, suspeitando que Mazarino tivesse o fim reservado de fazer casar a sobrinha com o rei. Contrariando-lhe o plano, tratou de casar Luiz XIV, e recahiu a eleição na princeza Margarida de Saboya. Philippe IV deu-se pressa em estorvar este casamento, e venceu, porque o rei veio a casar com a princeza hespanhola Maria Thereza.

Era preciso arrancar do coração de Luiz XIV a imagem de Maria Mancini, que foi obrigada a retirar-se da côrte.

O rei chorára no lance cruel da separação, e Maria teve ao despedir-se esta phrase notavel:

—*Oh! sire, vous êtes roi! vous pleurez et je pars!*

De feito, o rei distraiu-se menos mal, porque a sua noiva, Maria Thereza, não lhe desagradou... a principio.

Mas, passada a lua de mel, Luiz XIV começou a galantear sua cunhada, Henriqueta de Inglaterra, mulher do duque de Anjou.

A fim de colorir as assiduidades do rei, e de salvar a situação, que era escandalosa, pozeram-lhe em evidencia mademoiselle de la Vallière, *fille d'honneur* de Henriqueta, uma candida loira de dezesete annos, a quem o rei havia inspirado uma profunda paixão, de que ella não conseguiu guardar tanto o segredo, que uma noite, em Fontainebleau, não emittisse a opinião de que era Luiz XIV o mais gentil homem da França.

O rei, fascinado pela candura amorosa de Luiza la Vallière, teve para com ella requintes de galanteria, tal como o de haver abandonado todas as damas da côrte, durante um passeio que foi aguado por fortes chuveiros, para se aproximar de Luiza.

O amor fizera de Luiz XIV poeta — comquanto um mau poeta, segundo a opinião do marechal de Grammont... e a nossa.

Um dia o rei, n'aquelle seculo de madrigaes e *bouquets*, enviou a Luiza um *bouquet* e um madrigal:

Ide, florinhas, vêr meu terno objecto,
Ide morrer nas mãos da minha bella.
Invejam-vos a sorte em seu affecto
Mil amantes que morrem longe d'ella.

Diz Alexandre Dumas que o rei, tendo tomado gosto á poesia, pensára, na sua omnipotencia, que para ser poeta bastava querer sel-o. Foi decerto assim, porque Luiz XIV compoz um segundo madrigal em honra da la Vallière:

Dar-vos-ia pena a ausencia,
Gozo o regresso daria
D'aquelle a quem vosso rosto
Enche de amor e de gosto
E que morre de impaciencia
Se vos não vê um só dia?

O coração de Luiza respondeu em genitivo, —pelo mesmo caso da pergunta:

Eu sinto um prazer sem fim
Pensando em vós noite e dia.
Vivo em vós mais do que em mim.
Amar-vos é meu cuidado,
Dia e noite prolongado.
Prazer que possa sentir
Quem o seu amor não vir
Não é prazer, antes dôr
D'um roubo feito ao amor.

Luiz XIV estava ainda na sezão do verso, que é o prologo da conquista. Por isso, insistiu na metrificação:

Quem eu amo em segredo ninguem sabe.
Rio de quem se deita a adivinhar.
Fallem o que fallar,
Este segredo, se o desvenda alguem,
É ella, e mais ninguem.

Mas ou porque o desgostasse a critica do marechal de Grammont ou porque a musa lhe fosse menos docil do que Dangeau, foi a Dangeau que elle encarregou de redigir em prosa as cartas que enviava a Luiza, nem menos de duas ou tres cada dia.

La Vallière, precisando responder immediatamente ás cartas do rei, escolheu um secreta-

rio, recahindo a escolha em Dangeau, que soube manter a mais absoluta reserva entre os dois amantes.

Quando o rei e Luiza confiaram um ao outro este segredo, o rei ficou encantado da discrição de Dangeau, que teve o premio da sua honrada lealdade

A paixão de Luiz XIV por Luiza de la Vallière causou a desgraça de dois homens: a queda de Nicolau Fouquet, ministro das finanças, que se havia enamorado de Luiza, e a morte do marquez de Bragelonne, que se apaixonára por ella e que, sabendo-a amante do rei, se desesperára de viver, fornecendo a Alexandre Dumas o dramatico assumpto de um dos seus mais bellos romances.

Luiz XIV era ciumento. Reconhecendo que mademoiselle de Montalais era a confidente de Luiza, e suspeitando que a Montalais havia favorecido a paixão do marquez de Bragelonne, prohibira Luiza de receber a sua confidente. La Vallière não obedeceu inteiramente ao rei, porque tinha necessidade de confiar a alguem os segredos da sua felicidade. Luiz XIV soube-o. Então a primeira tempestade amorosa explosiu, e a la Vallière, julgando-se abandonada, fez-se conduzir ás Carmelitas de Chaillot.

Não podia ella resignar-se á ideia de perder

o amor d'aquelle homem, em quem menos a seduziam as pompas da realeza do que os attractivos pessoaes. Ou ser amada por elle ou morrer para o mundo: eis o dilemma da sua vida.

Luiz XIV partiu immediatamente á procura da fugitiva, que fez installar sumptuosamente no palacio Brion, se bem que a amantissima Luiza pretendesse esquivar-se sempre ás ostentações da côrte.

A 22 de outubro de 1666, mademoiselle de la Vallière deu á luz uma filha do rei: Anna Maria de Bourbon, que foi legitimada, e que veio a desposar o principe de Conti.

Seis mezes depois, *toujours malgré elle*, escreve Dumas, recebeu o titulo de duqueza.

A 2 de setembro do anno seguinte, Luiza de la Vallière deu á luz um segundo filho, que teve o nome de Luiz de Bourbon, e o titulo de conde de Vermandois.

O rei-sól principiou a sentir-se enfastiado da pobre Luiza, cuja frescura juvenil o amor havia crestado. Duas mulheres comprehenderam o que se passava no coração do rei: a princeza de Monaco e a marqueza de Montespan, que, sendo mademoiselle de Tonnay Charente, recebera pelo seu casamento o titulo de que usava.

Com uma differença: a Montespan fôra mais

astuciosa do que a princeza de Monaco e, para se aproximar do rei, aproximára-se da duqueza de la Vallière.

Não gastaremos tempo em contar como um tão voluvel rei se enamorou da Montespan, que era uma mulher de espirito, esquecendo a la Vallière, que só tinha a recommendal-a o seu amor.

Não restava duvida. A Montespan havia succedido á la Vallière no coração do rei, e a pobre Luiza, desde que perdera o amor de Luiz XIV, só pensára em fugir ao mundo, recolhendo-se em 1672 pela segunda vez a Chaillot.

Luiz XIV não correu pessoalmente a dissuadil-a, como da primeira vez; enviára Colbert.

Mas a dedicada Luiza não podia supportar na côrte o excruciante supplicio do seu abandono.

Dois annos luctou para arrancar ao rei a auctorisação de recolher-se definitivamente a um convento. Finalmente podera entrar nas Carmelitas de Paris, tendo pedido perdão á rainha, despedindo-se dos dois filhos que tivera do rei, despedindo-se do proprio rei por um soneto cujo pensamento reproduzimos nas seguintes quadras:

Tudo o tempo destroe. O coração mais terno
E' voluvel no amor; caprichoso, inconstante.

Não regista o passado um só amor eterno,
Não verá o porvir um só eterno amante.

A constancia tem leis que o coração esquece.
De um grande rei ninguem detém a phantasia:
O que hoje o fascinou, ámanhã aborrece.
Ninguem póde explicar como um rei se enfastia!

Tal é tua inconstancia, a sombra que em teu peito
Macúla da virtude a pureza e o valor.
O amor que te inspirei jaz em cinzas desfeito,
Quão diverso do meu! que revive na dôr!

Amor, pois que feliz e infeliz me fizeste,
Porque não déste ao rei, se elle tinha de amar,
Um coração egual áquelle que me déste?
Ou tivesses-me dado um coração vulgar.

Luiza de la Vallière tinha trinta annos. Professára, tomando o nome de irmã Luiza da Misericordia. Trinta e cinco annos viveu reclusa e penitente, fallecendo a 6 de junho de 1710. Assim se apagára no silencio austero do claustro o ultimo perfume da modesta violeta do amor.

Das ligações do rei com a Montespan nasceram seis filhos duplamente adulterinos, que, não obstante, foram reconhecidos.

A saciedade chegára, e d'esta vez ninguem poderá dizer que fosse cedo.

Então Luiz XIV lançou-se em ephemeras aventuras com madame de Soubise, com madame de Ludre, até que se enliçou por mais algum tempo nas tranças douradas de mademoiselle de Fontange, uma loira muito loira e muita fria, que tivera a alcunha de *estatua de marmore*, e que, depois de ser mãe, se recolhera a um convento, onde fallecera na flôr dos annos.

Finalmente, o *rei-sól* acabára por tropeçar na conquista da viuva Scarron, madame de Maintenon, com quem, fallecida a rainha Maria Thereza, viera a casar secretamente. Luiz XIV tinha então quarenta e sete annos, e madame de Maintenon cincoenta e dois!

O rei fizera-se velho, triste, era o homem mais *inamusable* da França, segundo a expressão de madame de Maintenon que em vão se esforçava por distrahil-o.

No 1.º de setembro de 1715 morria.

O enterro de Luiz XIV realisára-se á socapa, ficando as suas visceras em Notre-Dame, e sendo o seu corpo enviado, atravez do bosque de Bolonha, para S. Diniz. A plebe tripudiava cantarolando canções grosseiras: que o rei estava em S. Diniz como em Versailles, sem coração e sem entranhas.

Todavia Luiz XIV havia sido a personificação do seu seculo.

LENDO... (pag. 115)

Dante, chegando ao segundo circulo do *Inferno,* ouve da bocca de Francisca de Rimini a historia dos seus amores com Paulo:

Por passatempo liamos um dia
  De Lançarote, como a amor cedera;
  Eramos sós, e nada se temia.

Um crebro mutuo olhar em nós fizéra,
  Em tal leitura, pallido o semblante,
  Mas um ponto deu auso á paixão féra.

Quando nós lemos que tão nobre amante
  Em róseos labios déra um beijo ardente,
  Este meu socio eterno, aqui penante

Na bocca me beijou, todo tremente:
  Rufião foi o auctor, e o seu escripto.
  Não lemos n'elle então mais longamente...

(Traducção do sr. Viale.)

Assim como Francisca e Paulo foram tentados pelo exemplo do beijo amoroso que o cavalleiro Lançarote déra nos labios rosados de Genevra, figuramos D. Maria de Nemours e o infante D. Pedro cedendo a igual tentação durante a leitura do canto V do *Inferno* do Dante na passagem em que Paulo e Francisca se beijam.

E' o exemplo de Lançarote que allucina até ao incesto os dois cunhados italianos; é o exemplo dos dois cunhados italianos, referido pelo Dante, que desvaira o infante e a rainha, tambem cunhados.

E assim como o poeta florentino chama *rufião* a Lançarote (o texto não diz *rufião,* mas *Galeotto,* nome do alcoviteiro nos amores de Lançarote e Genevra, depois generalisado), lançando-lhe a culpa, quizemos, por phantasia perdoavel, imputar a responsabilidade da provocação ao Dante nos amores da rainha de Portugal e de D. Pedro, mais tarde segundo do nome.

O parallelo historico não póde ser completo, porque Lànciotto, o marido de Francisca, matou os dois, ao passo que D. Affonso VI foi lentamente assassinado no cárcere pela mulher e pelo irmão.

ODIVELLAS (pag. 117)

Eu fui ha annos a Odivellas por uma tarde de verão, e lembro-me que duas cousas me impressionaram por modo diverso: o vêr estupidamente dealbado o tumulo de D. Diniz; e a marmelada que lá comi a olhar para uma janella, da qual o capellão me dizia: «Era ali a casa de madre Paula.»

O leitor sabe muito bem quem era esta soror Paula, a formosa estrella que, na grande constellação de Odivellas, enfeitiçou de amor el-rei D. João V.

Grande e famosa constellação, composta de D. Ursula Francisca de Moraes, a *Caramêlo;* de D. Catharina Luiza de Miranda e Castro, a *Muleirinha;* de D. Leonor de Menezes, a *das Finezas;* de D. Catharina Isabel, a *Cassarola;* de D. Theresa de Mello, a *Vigairinha;* de D. Mauricia de Pina Rebello Freire, a *Márcia bella;* de D. Francisca Ignacia de Mello, a *Pimentinha,* alcunha que, segundo explica Camillo Castello Branco, derivava do temperamento cálido, da irascibilidade no amor, nos zelos, na petulancia com que fazia do habito um dominó do carnaval.

Na phalange dos galanteadores de Odivellas bandeavam-se, no rasto do rei, numerosos pintalegretes freiraticos, incluindo varios conegos. Frequentavam o mosteiro Tenorios de varias cathegorias sociaes, uns com—*dom*—como D. Lourenço Vasques da Cunha, outros com titulo, como o conde de Villa Flor, e outros com veia poetica, como Antonio Sanches de Noronha, o *poeta de Odivellas*.

«A corrupção ali, diz Camillo, era fidalga e realenga. Soror Paula, a *Trigueirinha,* que ainda assim não podéra quebrar os feitiços de D. João V com a cigana Margarida do Monte, professára por aquelle tempo. O rei disputou-a ao conde de Vimioso, tirou-lh'a, e cedeu-lhe duas á escolha.»

Quando penso em soror Paula, a *Trigueirinha,* lembro-me que seria do tempo de D. João V, e porventura envenenada de allusão epigrammatica aos amores do rei, esta trova popular:

> Chamaste-me trigueirinha,
> Eu não me escandalisei.
> Trigueirinha é a pimenta
> E vae á mesa do rei.

Que esplendor o de Odivellas n'esse tempo!

Nas decorações interiores do mosteiro estadeava-se um luxo verdadeiramente levantino!

Darei ão leitor uma pequena amostra da riqueza com que estavam alfaiados os quartos de soror Paula e de sua irmã Maria da Luz.

E' um trecho da descripção publicada pelo dr. Ribeiro Guimarães no segundo volume do *Summario de vária historia:*

«A casa, onde dormem Paula e Maria da Luz, tem armação de melania carmesim, com franjas e galões côr de oiro, dois escriptorios de charão negro e oiro, grandes e todos com pés e topetes de talha doirada maravilhosa, sanefa de talha doirada, dois bofetes doirados maravilhosos, dois espelhos de toda a parede; oito placas de espelhos e doiradas, um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras carmesins, com pés e braços de talha doirada e passamanes de oiro. A cama de Paula é de melania carmesim com o sobreceu todo em tomados, com franjas e galões côr de oiro; o leito da moda, com uma lamina de prata doirada, abrindo-se por tres partes e os santos de oiro macisso em relevos, com um florão de fita de oiro. Os lençoes de hollanda muito boa, com preciosas rendas, e travesseiros do mesmo modo todos crespos: os cobertores da mesma melania e o panno de cobrir. A cama da irmã

é d'este mesmo modo, menos a lamina de prata, um bofete á cabeceira de charão doirado, com um panno coberto, em cima um prato de prata grande, da Allemanha, e dois bispotes do mesmo, e nas mesmas caixas de vidros com as mesmas borlas.

«O gabinete, em que se touca Paula, é armado de melania carmesim com franjas e passamanes côr de oiro, duas sanefas de talha doirada, quatro tripeças com pés doirados e azues de charão, com assento de velludo; uma arca de charão azul e oiro, com dois pratos de prata, um com o penteador, outro com o avental e toalha de boas rendas, cobertos com um panno bom; uma arca de lixa negra, toda com pregaria e fechos de prata; um espelho e seis placas de espelho doiradas; um bofete de charão com uma cobertura de cambray, com rendas de tres palmos de largura; com um espelho com molduras de prata, com todos os aviamentos de prata, caixas, prato, jarro, salva, castiçal, copos, fructeiros, thesouras, campainha, escovas, e tudo que não póde repetir-se, de prata.»

O capellão, olhando para uma certa janella do convento, tornára a dizer-me: «Era ali a casa de soror Paula.»

E eu, comprehendendo o capellão, respondi:

—Era ali, era aqui, era acolá, era em toda a parte, que D. João V estava em Odivellas. No mosteiro com as freiras; na egreja com as fidalgas. Pois não se lembra, reverendo, de que o bispo do Grão-Pará conta nas suas *Memorias* que D. João V, n'uma véspera de Passos, se foi collocar ao lado da imagem do Senhor, vestido de pobre, para vêr de perto as fidalgas? Ah! reverendo, que tempo aquelle!...

E o capellão, procurando deitar agua na fervura, apesar da intenção o trahir:

—Pois, senhor, é verdade, muito boa marmelada!

Dizem que até nem distinguia
Entre um *ladrilho* e uma freira.

A expressão *ladrilho de marmelada* é principalmente usada em Portugal nas provincias do norte.

LUIZ XV (pag. 121)

A infancia de Luiz XV não fazia esperar que elle viesse a ser algum dia o sultão occidental do Parc-aux-Cerfs.

Pelo contrario, as suas ligações de amisade

com o bello Tremouille originaram um escandalo publico, que foi preciso reprimir com um exemplo severo, queimando um tal Duchauffour na praça publica de Gréve.

—Que crime commetteu este homem? perguntára a madame de Condé sua filha.

E a resposta foi esta:

—Fazia *moeda falsa*...

Mas a fogueira da praça de Gréve allumiára a razão do jovem rei, e o seu casamento com Maria Leczinska, filha de Estanislau Leczinsky, rei desthronado da Polonia, absolvera plenariamente os peccadilhos da infancia.

O amor da rainha Maria Leczinska enchia toda a alma do adolescente coroado: aos vinte e um annos, Luiz XV era pai de nem menos que cinco filhos legitimos. Mas a rainha não soube conservar o prestigio que exercia no coração de seu marido. Aborrecida talvez de uma prolifiquidade que a definhava, recusava-se a receber o rei na alcova conjugal. Luiz XV exasperou-se e, n'um momento de colera, protestou que nunca mais *il ne lui demanderait le devoir*.

Póde pois dizer-se que foi Maria Leczinska que empurrou Luiz XV para o abysmo da devassidão em que afundou o resto da sua vida, porque o rei, em quanto a rainha o não repelliu, mostrava-se hesitante deante da facil con-

quista de muitas damas da sua côrte, uma das quaes, madame de Charolais, levou a sua provocação até ao extremo de introduzir na algibeira de Luiz XV uma declaração em verso.

Foi n'uma ceia, realisada a 24 de fevereiro de 1732, que o rei pela primeira vez deu publico testemunho da sua infedilidade marital, brindando *á la maitresse inconnue.* Comtudo este brinde foi mais uma declaração de guerra á rainha do que uma explosão de amor, por que tendo o duque de Richelieu mettido á cara do rei madame Portail, Luiz XV, enfastiado da aventura, não duvidou uma noite fazer-se substituir por Lugeac no leito da sua ephemera favorita. O cardeal de Fleury não foi a principio mais feliz que o duque de Richelieu quando procurou fazer com que succedesse a madame Portail madame de Mailly, uma das *meninas de Nesle,* com quem o rei se avistou secretamente por varias vezes, sem ousar acceitar as facilidades que lhe eram offerecidas. Mas a insistencia de madame de Mailly venceu finalmente, e estas relações amorosas, em que a favorita mostrou sempre um grande desinteresse, duraram nove annos.

A rival de madame de Mailly foi uma das suas quatro irmãs, mademoiselle Paulina de Nesle, mais attrahente do que formosa. Recor-

reu a um meio ardiloso procurando a companhia de madame de Mailly para se aproximar do rei, que se lhe rendeu, tornando-se preciso encontrar dentro de pouco tempo um marido, mr. de Vintimille, que foi realmente um marido accommodaticio. As duas irmãs ficaram possuindo, alternadamente, os favores de Luiz XV. Mas o reinado de madame de Vintimille durou pouco, porque a morte arrebatou-a poucos dias depois de haver dado á luz um *Demi-Louis*.

Ficou só em campo madame de Mailly, a quem a irmã mais nova, madame de Lauraguais, viera acompanhar durante o lucto.

Madame de Lauragais substituira para todos os effeitos madame de Vintimille.

Havia ainda mais duas *meninas de Nesle:* madame de la Tournelle e madame de Flavacourt, que eram as mais bonitas. A primeira era viuva, a segunda tinha o marido no exercito.

Por morte de madame de Mazarino, sua avó, acharam-se sem recursos. Madame de Flavacourt, em vez de chorar como a irmã, tomou o expediente de se metter dentro de uma cadeirinha, que fez conduzir até Versailles. Ahi, abandonada a cadeirinha, o duque de Gesvres, reconhecendo madame de Flavacourt, correu a contar ao rei a aventura. Luiz XV mandou dar-lhe casa, bem como a madame de la Tour-

nelle, que se empenhou desde logo em fazer affastar madame de Mailly, porque o rei mostrava-se feroz, como seu avô Luiz XIV, para com as mulheres que já não amava.

Finalmente, madame de la Tournelle tornara-se a favorita do rei, — recebendo o titulo de duqueza de Châteauroux.

Todavia, no ceu azul da nova duqueza uma sombra presaga apparecêra: era madame de Etioles, mais tarde marqueza de Pompadour, enamorada do rei a ponto de procurar deslumbral-o pelo tom brilhante das suas equipagens e da suas *toilettes* nas caçadas da floresta de Sénart.

Mettera-se de per meio a grave doença de Luiz XV, em Metz. Mesdames de Châteauroux e de Lauraguais, que tinham corrido ao encontro do rei, e que por esse facto o exercito denominara *coureuses*, foram expulsas da alcova onde o rei parecia agonisar. A rainha, a familia real chegaram. Luiz XV, cobarde em frente da morte, pedira perdão á rainha, mas, logo que melhorou, repelliu-a, e reconciliou-se com a duqueza de Châteauroux, que pouco mais tempo gosou o seu papel de favorita, porque morreu a 8 de dezembro de 1744.

No anno seguinte casava o Delphim, e foi justamente no baile *masqué*, dado por essa occa-

são, que Luiz XV reconheceu, sob o *costume* de Dianna caçadora, a apaixonada madame de Etioles.

N'essa hora começára um novo idyllio amoroso para Luiz XV: madame de Etioles succedera a madame de Châteauroux.

A favorita tomára o titulo de marqueza de Pompadour.

Luiz XV começára por endeusar a sua nova amante; em menos de um anno, gastára com ella dois milhões de francos. Depois... depois aborrecera-se, e madame de Pompadour, comprehendendo que a distracção, a novidade eram precisas ao espirito do rei, inventou-lhe um verdadeiro serralho, o Parc-aux-Cerfs, repleto de odaliscas, que todavia não ousavam disputar-lhe o papel de favorita. Com isso se contentava. E o rei, desfolhando as flôres do seu harem, era um verdadeiro sultão que nem por sombras fazia lembrar o dedicado marido de outro tempo!

Madame de Pompadour era fria. O rei comparava-a a uma estatua de neve, e lá tinha as suas razões. A favorita procurou dominar com excitantes aphrodisiacos o gelo do seu temperamento, e n'este esforço sacrificou a vida. Morreu aos quarenta e tres annos, em 1764, gasta, exhausta, mas saciada de honras: Maria Thereza de Austria tratara-a por *prima,* Voltaire,

embora se risse á socapa, fizera-lhe versos galantes.

O rei vira partir para o cemiterio, indifferentemente, a sua antiga favorita. No dia do enterro chovia a potes. Luiz XV, do alto d'uma janella, dissera cynicamente:

—A marqueza tem mau tempo para a viagem.

Era que, segundo a phrase popular, andava moiro na costa. O moiro era a Du Barry, uma aventureira, que tinha vinte e um annos, quando a marqueza de Pompadour morreu.

As duas rivaes haviam-se encontrado na côrte e a marqueza tivera occasião de assistir á investidura da sua successora quando o esculptor Pajou fôra chamado para, no salão *dos espelhos,* em Versailles, cinzelar o busto da Du Barry. Jorge Cain aproveitou este assumpto para um quadro, reproduzido em gravura na *Illustração hespanhola* de 22 de janeiro de 1886.

Du Barry era, como dissemos, uma aventureira. Vinha da prostituição, do lupanar. Por isso o conde de Nivernais dizia a seu respeito:

> Chacun sait que Vénus naquit
> De l'écume de l'onde.

Fôra conhecida por mademoiselle Lange, ou l'Ange, em razão da sua formosura. O povo

chamava-lhe alegremente *La Belle Bourbonnaise*. O grande Frederico denominava-a *Cotillon III*. Luiz XV, enfastiado já do seu serralho, confessava não ter encontrado nunca mulher tão saborosa no amor. Casou-a com o conde Du Barry, apresentou-a na côrte, evidenciou-a como favorita.

Alexandre Dumas escreve:

«Luiz XV dera o exemplo dos amores rasteiros; até então os reis de França haviam-se respeitado nas suas amantes.

«Henrique IV tivera Gabriella d'Estrées, a duqueza de Verneuil, Carlota de Montmorency.

«Luiz XIV, mademoiselle de la Vallière, madame de Montespan, madame de Maintenon.

«Luiz XV estreiára-se como elles; mas, da duqueza de Châteauroux passou a madame de Etioles e de madame de Etioles a Joanna Vaubernier.»

Todavia Luiz XV tinha de passar ainda por uma ultima degradação. A fim de desannuviar a tristeza profunda que o dominava, Lebel inculcou-lhe a frescura apetitosa da filha de um moleiro, que, graças ás suas côres rosadas, não passou pelo exame medico, como era costume, antes de entrar na alcova do rei. Essa rapariga, de sadio aspecto, estava contaminada de syphilis, que communicou a Luiz XV, dando lo-

gar a que reverdecessem todos os antigos vestigios d'essa enfermidade terrivel de que o rei havia soffrido em tempo.

Finalmente uma febre maligna viera complicar gravemente o estado pathologico de Luiz XV.

Foi assim, esphacelado pela gangrena, decomposto pela febre, exhalando um cheiro putrido, que repugnava ás pessoas mais corajosas, que Luiz XV morreu.

No dia seguinte, a condessa Du Barry recebia do novo rei de França uma ordem de desterro. Passado algum tempo, obteve licença de Luiz XVI para ir habitar o seu palacio de Luciennes, mas, em vez de se retirar, ostentou uma opulencia que despertava a inveja e a cupidez.

Roubada, odiada pela revolução que principiava a desencadear as suas iras sangrentas, foi presa, e condemnada á guilhotina. Na presença da morte, revelou um terror enorme. Já sobre o cadafalso, exclamára:

—*Encore un moment, monsieur le bourreau.*

Depois, Sanson, indifferentemente, fez descer o cutello.

Os reinados de Luiz XIV e Luiz XV haviam sido um diluvio de escandalos. A republica, para os afogar, fizera um diluvio de sangue.

Luiz XV não se havia enganado quando dissera: *Aprés moi le déluge.*

AFFONSO XII (pag. 125)

«Estava a côrte em Aranjuez. Passeiavam o rei, sua prima Mercedes, a infanta Christina, o duque de Sexto, as damas de honor, sob o arvoredo da Cintra hespanhola. De repente, pela estrada de Toledo, roda uma carroça, envolta em turbilhões de poeira. Com uma simples palavra, o rei fez detel-a. Sóbe para ella, quer que sua prima suba. A dama de honor de Mercedes sóbe tambem. Parece a todos um capricho do rei, um brinco de adolescente. Ah! mas não era só isso... D. Affonso, em pé, vigoroso e alegre, sôlta as bridas á parelha, faz estralejar o chicote. Parte a carroça n'uma carreira doida. Sobresalta-se a côrte com a imprudencia; gritam, chamam...

«O que! Quem póde deter esse vertiginoso vôo do Amor, Phaetonte que parece ir despenhar-se n'um mar de fogo?!

«Era o primeiro momento de liberdade, mas ainda assim incompleta, porque havia dois ou-

vidos extranhos. A dama de Mercedes não fallava allemão; foi justamente por essa razão que os dois primos escolheram essa lingua para as seus confidencias.

«E emquanto as nuvens de pó se enovelavam sob as patas de duas possantes mulas hespanholas, e o chicote estralejava elegantemente vibrado, emquanto pareciam correr para um abysmo, n'uma aventura romantica, dizia a sua prima Mercedes o rei de Hespanha, em puro idioma teutonico: «Deixa dizer o que disserem, e fazer o que fizerem, has de ser minha mulher. Mas guarda segredo.»

«Mercedes poz o dedo sobre a bocca, e sorriu.

«Então o rei refreou as bridas á parelha.

«A carroça começou a rodar suavemente. A dama de honor agradecia provavelmente a Deus o havel-a livrado de um perigo, que as palavras mysteriosas do rei lhe fizeram de certo receiar cada vez mais. E D. Affonso tambem agradecia á Providencia o presente d'aquella carroça, d'aquelle instante de liberdade.»

ALBERTO PIMENTEL.—*Romance da rainha Mercedes* (Porto, 1879.)

FIM

INDICE